

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E
VERNÁCULA**

**REVISÃO DA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA KAMAKÃ PROPOSTA POR
CHESTMIR LOUKOTKA
Dissertação de Mestrado**

ANDÉRBIO MÁRCIO SILVA MARTINS

Orientadora:

PROFESSORA Dr.^a. ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL

**Brasília
Março/2007**

ANDÉRBIO MÁRCIO SILVA MARTINS

REVISÃO DA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA KAMAKÃ DO TRONCO MACRO-JÊ

Dissertação apresentada ao Departamento de
Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula
como requisito parcial para obtenção do grau de
mestre em linguística.

Banca examinadora:

Professora Dr^a. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
(orientadora da dissertação e presidente da banca)

Professor Dr. Aryon D. Rodrigues
(2º Membro da Banca)

Professor Dr. Dermeval da Hora Oliveira
(3º Membro da Banca)

Professora Dr^a. Poliana Maria Alves
(Membro suplente da Banca)

Brasília

Março/2007

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de mestre em lingüística e aprovada em sua forma final pelo curso de pós-graduação em lingüística da Universidade de Brasília.

Brasília, ____ de _____ de 2007

1º Examinador _____

2º Examinador _____

3º Examinador _____

Dedico a meus pais

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me ajudado a concretizar mais um sonho, por me fortalecer a cada dia e iluminar o meu caminho.

A minha professora e orientadora Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, pela honra de ter me aceitado como seu orientando, pelos seus ensinamentos, atenção e carinho que tem tido por mim desde o momento em que nos conhecemos, e sobretudo, por me contagiar com o seu amor pelos índios do Brasil.

Ao professor Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues, por ter dedicado do seu precioso tempo para me auxiliar sempre que necessitei, por me fazer gostar da lingüística histórica, compartilhando do seu conhecimento a respeito das línguas indígenas brasileiras, em especial do tronco Macro-Jê.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos concedida nos anos de 2005 a 2007.

Aos professores do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula – LIV.

Aos professores Dermeval da Hora Oliveira e Poliana Maria Alves por terem contribuído com sugestões pertinentes e críticas construtivas na sessão de defesa desta dissertação.

A todos os amigos que fiz no Laboratório de Línguas Indígenas da UnB – LALI.

A meus pais, a meus irmãos e a Ozeni, pela compreensão, dedicação, carinho e amor com que tem me tratado durante todos estes anos.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	v
SUMÁRIO	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
ABREVIATURAS	ix
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	11
1 Modelo teórico e metodologia	11
CAPÍTULO II	14
2 Sobre o tronco Macro-Jê	14
2.1 A família lingüística Kamakã	15
CAPÍTULO III	20
3 Observações sobre a grafia usada nos dados	20
3.1 Análise comparativa entre os dados da língua Kamakã	21
3.2 Análise comparativa entre Mongoyó e Kotoxó	23
3.3 Análise fonológica e lexical das línguas que compõem a família lingüística Kamakã	26
3.4 Correspondências fonéticas	43
3.5 Fundamentação para manter na família lingüística Kamakã a língua Masakará	48
3.6 Modelo arbóreo da família Kamakã	49
CAPÍTULO IV	50
4 Considerações finais	50
BIBLIOGRAFIA	51
ANEXOS	52

RESUMO

No presente estudo, desenvolvemos uma revisão da família lingüística Kamakã, proposta por Chestmir Loukotka (1932). Com essa revisão, realizada à luz do Método Histórico Comparativo, reorganizamos os dados existentes, visando à demonstração das correspondências lexicais e fonológicas entre as línguas comparadas, que não foram tratadas sistematicamente no trabalho de Loukotka. Esse estudo permitiu, por um lado, confirmar a validade da proposta de Loukotka e, por outro lado, pôr em evidência as correspondências lexicais e fonológicas entre o Masakará e as demais línguas, por ela ser mais diferenciada em relação às outras. Finalmente, o estudo permitiu a elaboração de um modelo arbóreo para a família lingüística Kamakã.

Palavras-chaves: família Kamakã, Método Histórico Comparativo, Loukotka.

ABSTRACT

In the present study we have developed a revision of the Kamakã linguistic family proposed by Chestmir Loukotka (1932). With this revision of the Kamakã family, which was based on the Comparative Method, we have reorganized the data available aiming demonstrating the lexical and phonological correspondences among the languages compared, which have not been considered in a systematic way in Loukotka's work. On the one hand this study had permitted to confirm Loukotka's hypothesis and, on the other hand, it permitted to highlight the lexical and phonological correspondences between the Masakarã and the other languages, as it is more differentiated from the other languages. Finally this study made it possible the elaboration of a family tree model for the Kamakã family.

Key-words: linguistic family Kamakã, Comparative Method, Loukotka.

ABREVIATURAS

K1	Kamakã 1
K2	Kamakã 2
K3	Kamakã 3
K4	Kamakã 4
Mo1	Mongoyó 1
Mo2	Mongoyó 2
Me	Menien
Ko	Kotoxó
Ma	Masakarã
PK	Proto Kamakã

INTRODUÇÃO

A proposta de uma família lingüística Kamakã, de autoria de Chestmir Loukotka (1932), representou uma importante contribuição sobre possíveis conexões genéticas entre línguas não classificadas até a primeira década do século XX, como o Kamakã, o Menien, o Kotoxó, o Mongoyó e o Masakarã. Segundo a proposta de Loukotka, essas línguas formariam uma família dentro do tronco Tapuya-Jê, o qual, de acordo com esse autor, seria constituído de oito famílias: Jê, Ofayé, Kaingáng, Purí, Maxakalí, Pataxó, Krenák e Kamakã (RODRIGUES, 1999, p. 165).

Nesta dissertação, desenvolvemos uma revisão da família Kamakã proposta por Loukotka (1932), considerando a necessidade de demonstrar, por meio do Método Histórico Comparativo, (a) as correspondências sistemáticas de som e de significado entre as línguas incluídas nessa família lingüística; (b) a consistência da inclusão ou não da língua Masakarã nessa família; (c) a existência de variantes dialetais de uma mesma língua e (d) a elaboração de um modelo arbóreo para a família em questão.

Em seu trabalho, Loukotka construiu um quadro de consoantes e vogais sem que demonstrasse as correspondências sonoras de forma sistemática. Incluiu uma pequena análise gramatical, embora tivesse consciência da insuficiência de dados que fundamentassem essa análise e incluiu, em vários conjuntos, palavras não comparáveis. A revisão dessa família lingüística era, portanto, uma tarefa a ser feita no âmbito dos estudos lingüísticos sobre o tronco Macro-Jê.

Detalhamos, em seguida, o modo como o presente trabalho foi organizado. No capítulo I, apresentamos a metodologia utilizada. No capítulo II, informamos a respeito dos estudos já feitos sobre o tronco Macro-Jê e reunimos informações sobre a localização geográfica, sobre a história e sobre aspectos culturais dos povos que falavam as línguas incluídas na família Kamakã. No capítulo III, reunimos as comparações lexicais e de som dos dados lingüísticos utilizados. Finalmente, no capítulo IV, apresentamos os resultados deste estudo. Em seguida, apresentamos a bibliografia utilizada, que por sua vez é seguida por três anexos. O anexo I contém o vocabulário das línguas consideradas por Loukotka (1932) em sua comparação. No anexo II, estão os conjuntos de palavras que selecionamos para o nosso estudo comparativo. No anexo III, está o vocabulário da língua Kamakã coletado por Mansur Guérios (1945).

CAPÍTULO I

1. Modelo teórico e metodologia

O estudo foi desenvolvido à luz do Método Histórico Comparativo, método de natureza indutiva, cuja aplicação na identificação de relações genéticas entre línguas se dá mediante análise contrastiva de dados lingüísticos da mesma natureza - lexical, fonológica, morfológica e morfossintática. Os princípios que caracterizam esse método são bem definidos e fundamentados pelo conhecimento acumulado sobre o porquê e o como de as línguas mudarem, e sobre os tipos e direções das mudanças lingüísticas que ocorrem ao longo da história de cada língua em particular ou de um grupo de línguas aparentadas (cf. KAUFMAN, 1990; HOCK, 1991; CAMPBELL, 2000; entre outros).

Entre os requisitos do Método Histórico Comparativo que o fazem ser eficiente para o diagnóstico de parentesco genético entre línguas, ressaltamos aqui os seguintes:

“O Método Comparativo é um meio pelo qual uma hipótese de parentesco genético é demonstrada mediante os seguintes tipos de evidência: não só (1) o estabelecimento de correspondências fonológicas em palavras de significado idêntico ou relacionado, incluindo muito vocabulário básico, mas também (2) a reconstrução de sistemas fonológicos, (3) o estabelecimento de correspondências gramaticais e (4) a reconstrução de sistemas gramaticais na medida em que seja possível. Nos casos em que mais de duas línguas estão envolvidas, uma exploração completa do Método Comparativo inclui também (5) a construção de um modelo de subagrupamento para as línguas e (6) a elaboração de um modelo de diversificação. Implícita no termo ‘reconstrução’ está a noção de regularidade nas correspondências que são postuladas, porque é a regularidade que permite a formulação de um conjunto específico de regras diacrônicas para cada língua que derivará as formas fonológicas dos morfemas atestados a partir dos morfemas reconstruídos e as regras gramaticais atestadas a partir das regras reconstruídas. Para a fonologia histórica, evidentemente, isso só é possível sob a condição de que a mudança sonora é regular senão tiver sofrido interferência” (THOMASON e KAUFMAN, 1988, p. 2001-202).

- similaridades ou correspondências não devem ser reduzidas a poucos itens, mas recorrentes em um amplo conjunto de outros dados lingüísticos (HOCK, 1991, p. 557);

- têm mais peso, em um diagnóstico sobre parentesco genético, formas longas do que formas breves (*ibidem*);
- a chance de vocábulos de línguas que não são geneticamente aparentadas serem similares é maior no âmbito das onomatopéias (*idem ibidem*);
- há certas partes do vocabulário de uma língua, como os nomes de partes do corpo humano e os pronomes pessoais, entre outros, que são menos sujeitos a empréstimos (*idem ibidem*);
- há mudanças regulares e isso nos capacita a fazer correspondências sistemáticas entre línguas, tornando possível a reconstituição da história da língua (*idem ibidem*);
- a proto-língua sofre mudanças lingüísticas nas diferentes regiões onde é falada, e os dialetos iniciam o processo de diferenciação das línguas (*idem ibidem*);
- deve-se atentar para o fato de que algumas palavras são similares acidentalmente, isto é, por coincidência, tendo então que serem eliminadas de uma análise comparativa (CAMPBELL, 1998, p. 113);
- o proto-fonema é postulado a partir da análise dos fonemas encontrados nas línguas irmãs, e por isso deve ser reconstruído de maneira que seja possível explicar as mudanças ocorridas nas línguas, já que a reconstrução deve estar pautada nas amostras encontradas nas línguas comparadas (CAMPBELL, 1998, p. 115);
- os sons mudam em certa direção e isso pode ser constatado através de uma análise contrastiva entre as línguas que possuem relação genética (*ibidem*).

Esses são pontos que devem ser considerados para que se atinja um trabalho comparativo consistente e que ateste o efetivo parentesco entre línguas, agrupamentos genéticos e a reconstituição de aspectos de estágios anteriores comuns a um grupo de línguas.

Uma comparação nesses moldes deve ser realizada de acordo com etapas de sucessão definidas, que se inicia com comparação lexical e fonológica seguida de comparação morfológica e morfossintática, e assim por diante (CAMPBELL, 1998, p. 131).

O primeiro passo da análise comparativa que desenvolvemos consistiu na identificação das palavras comparáveis no material lingüístico disponível das línguas incluídas

por Loukotka na família lingüística Kamakã. Por palavras comparáveis compreendem-se as que apresentam correspondências sonoras e de significados. Depois de feita essa identificação, foram estabelecidos conjuntos de palavras que permitiram a descrição das correspondências sonoras sistemáticas através das línguas. Esses conjuntos correspondem, em sua maioria, à parte do vocabulário básico das línguas comparadas (partes do corpo humano, termos geográficos comuns, verbos de ações elementares). A análise dessas correspondências permitiu que fossem identificadas as formas mais conservadoras, tendo por base o conhecimento disponível sobre a natureza e as direções das mudanças sonoras atestadas na história de línguas, especialmente nas línguas do tronco Macro-Jê (RODRIGUES, 1999, 2002).

Em seguida, para cada conjunto de palavras, foram hipotetizadas, sempre que possível, formas correspondentes a um estágio anterior à diversificação da família Kamakã.

CAPÍTULO II

2 Sobre o tronco Macro-Jê

Conforme Rodrigues (1999:168), o nome Macro-Jê foi proposto há 50 anos por Mason para classificar um grande grupo de línguas da América do Sul (todas faladas no Brasil), as quais este autor acreditava estarem relacionadas à família Jê. Rodrigues também ressalta que W. Schimidt empregou anteriormente o nome Ges-Tapuya, e Loukotka, o nome Tapuya-Jê no mesmo sentido. Para Rodrigues (*ibidem*), a possível relação genética entre as várias línguas atribuídas ao tronco Macro-Jê é uma hipótese de trabalho cujos detalhes têm variado de acordo com os diferentes estudiosos. Rodrigues (*idem ibidem*) destaca que:

a) Loukotka incluiu no agrupamento Macro-Jê oito famílias de línguas: Jê, Ofayé, Kaingáng, Purí, Maxakalí, Pataxó, Krenák e Kamakã;

b) Nimuendajú considerou Malalí uma família lingüística independente, enquanto que Mason adicionou Malalí e Koropó ao Macro-Jê, mas retirou Ofayé assim como Yatê.

c) Loukotka separou o Yatê;

d) Davis demonstrou que Kaingáng é realmente um membro da família genética Jê e não de outra família, e ofereceu evidências de correspondências fonológicas regulares entre Jê e Maxakalí, bem como entre Jê e Karajá, e mencionou possíveis semelhanças do Macro-Jê com Boróro, Tupí e Fulniô (Yatê);

e) Guérios apresentou, como indicativo de relação genética, as similaridades que ele encontrou entre o Boróro e duas línguas Jê do norte, Timbira e Kayapó;

f) Gudschinsky, comparando Ofayé com a reconstrução do Proto-Jê de Davis, mostrou que a primeira é provavelmente um membro do Macro-Jê; Boswood reuniu algumas evidências lexicais em favor da inclusão de Rikbaktsá nesse tronco.

Rodrigues, por sua vez, incluiu no Macro-Jê o Karirí e o Guató, mas considerou o Pataxó e o Malalí como membros da família Maxakalí. Rodrigues observa que, para Greenberg, todas as línguas ou famílias de línguas supracitadas (exceto Karirí) pertencem ao Macro-Jê, assim como Chiquito, Oti e Jabuti, para as quais Rodrigues afirma não ter provas suficientes. (*ibidem*).

Rodrigues (1999), em sua classificação interna do tronco Macro-Jê e que é a adotada nesta dissertação, concebe esse tronco como sendo constituído de 12 famílias, assim distribuídas: Jê (Ramo I), Kamakã (Ramo II), Maxakalí (Ramo III), Krenák (Ramo IV), Purí (Ramo V), Karirí (Ramo VI), Yatê (Ramo VII), Karajá (Ramo VIII), Ofayé (Ramo IX), Boróro (Ramo X), Guató (Ramo XI) e Rikbaktsá (Ramo XII).

Segundo Rodrigues (1999), um grande problema para o avanço dos estudos que fundamentam as relações genéticas entre as línguas consideradas como pertencentes a esse tronco é o fato de que várias delas estão mortas, poucas foram documentadas, e a maior parte da documentação disponível sobre essas últimas não satisfaz os critérios exigidos para uma comparação rigorosa. Isso porque as listas de palavras coletadas de várias dessas línguas tinham como propósito maior estudar a cultura dos povos que as falavam, ou seja, o estudo dos povos tinha objetivo etnográfico. E para se fazer um estudo histórico-comparativo com o intuito de fundamentar correspondências lexicais e fonológicas entre línguas, por exemplo, é necessário um vocabulário mais universal, ou seja, menos passível de interferências culturais, como por exemplo, nomes de partes do corpo humano, de partes das plantas e dos animais, pronomes pessoais, nomes de fenômenos da natureza e verbos que correspondam a atividades elementares como comer, dormir, andar (KAUFMAN, 1990; CAMPBELL, 2000).

2.1 A família lingüística Kamakã

Alguns viajantes europeus que passaram pelo Brasil no século passado registraram a localização e o modo de vida dos índios Kamakã, porém, quando esses europeus aqui chegaram, os índios Kamakã já tinham se separado, formando aldeias e constituído a família lingüística que Loukotka classificou como Kamakã e que é formada por cinco povos – Kamakã, Menien, Mongoyó, Kotoxó e Masakarã (LOUKOTKA, 1932).

O destaque dentre os viajantes que coletavam dados sobre plantas e animais é Maximilian Wied-Neuwied, que conseguiu fazer uma boa descrição da cultura desses índios (MÉTRAUX and NIMUENDAJÚ, 1946, p. 547). Por volta de 1817, Wied-Neuwied encontrou alguns Kamakã que viviam em Gibóia, perto do Arrayal da Conquista na Bahia.

Esses índios viviam em pequenas aldeias e eram chefiados por um branco sob as ordens do governo (*ibidem*).

Outros que conseguiram coletar dados da língua Kamakã foram Spix e Martius, os quais, em 1819, viram um grupo de índios Kamakã na Vila de São Pedro de Alcântara sob os cuidados de um missionário Capuchino (*idem ibidem*). Esses índios também estavam espalhados pela floresta em seis vilarejos ao longo do Rio Gravatá no Distrito de Minas Novas, encontrados também na região que se situa entre o Rio da Cachoeira e o Rio Grugunhy. Outro grupo encontrava-se estabelecido perto do Arrayal da Conquista na Serra do Mundo Novo, além de mais um grupo perto de Ferradas (*idem ibidem*).

Em 1833, o francês Douville, ao viajar por essa região, encontrou também índios Kamakã no rio Itahipe e no rio dos Ilhéus (*idem ibidem*).

Sá de Oliveira registrou o encontro com índios Kamakã à margem do Catolé Grande e descreveu os trabalhos manuais encontrados por lá como, por exemplo, a fabricação de estopas à base de fios de algodão, os quais eram tingidos. Observou também que, com a pulverização de certas pedras misturadas à argila e água, eram produzidos vasos que eram levados ao forno (*idem ibidem*).

Curt Nimuendaju encontrou 11 Kamakã na reserva Caramuru-Paraguaçu em 1938. Foram obrigados a emigrar, pois em 1932 suas terras foram tomadas por não-índios em Catolé, cerca de 60 km da Reserva. Dos 11 índios, apenas dois, duas senhoras idosas, se lembravam da língua materna, sendo que uma morreu no dia em que Nimuendaju chegou ao local. A outra, Jacinta Gravirã, parecia ter mais de setenta anos, era cega de um olho e tinha deficiência auditiva. Dessa informante, Nimuendaju colheu dados sobre termos de parentesco, 24 mitos e um vocabulário (NIMUENDAJÚ, 1938).

Os Kotoxó viviam no sul do rio dos Ilhéus e norte do Rio Pardo. Já os Masakarã viviam perto do rio São Francisco, na região de Joazeiro. Os Menien foram encontrados acima do rio Grande Belmonte. Eles foram expulsos do próprio território pelos paulistas, e os refugiados se estabeleceram na vila Belmonte, onde os filhos desses índios conviveram com a população local, que era, em sua maioria, formada por negros (MÉTRAUX and NIMUENDAJÚ, 1946, p. 548). Os Mongoyó situavam-se próximo ao rio Cachoeira (NEUWIED, 1940, p. 358) e viviam praticamente da caça, já que cultivavam muito pouco por falta de recursos mais sofisticados para a realização dos trabalhos diários, por isso, sempre que

surgia uma oportunidade, eles trocavam seus arcos e flechas por ferramentas com os brancos (NEUWIED, 1940, p. 360-361).

Alguns Mongoyó que trabalhavam na aldeia de Berruga, próximo ao rio Berruga, acima do Rio Pardo, viviam com as mulheres e filhos numa pequena choça que ficava próxima à aldeia, e Neuwied os avistou quase nus, pintados de vermelho e preto e levando no pescoço colares de semente. Nessa época, o governo tinha nomeado um mulato para chefiar as aldeias desses índios (NEUWIED, 1940, p. 368).

Uma outra região que os índios Kamakã habitavam era o Arraial da Conquista, que antes era só mata, até a chegada dos portugueses nessa região. Os colonizadores declararam guerra contra os índios Kamakã que estavam por lá, e após alguns atritos conseguiram fazer um acordo que perdurou por algum tempo, mas logo depois foi desfeito por descobrirem que os índios estavam matando os soldados que ali viviam, com isso, resolveram matar os índios, e os que conseguiram sobreviver fugiram para a mata (NEUWIED, 1940, p. 410). Esses sobreviventes passaram a viver, na época do relato de Neuwied, em rancharias ou aldeias próximas do Rio Pardo, ao longo do rio dos Ilhéus, até o rio das Contas (NEUWIED, 1940, p. 410-411).

Havia algumas aldeias de Kamakã perto de estabelecimentos portugueses. Esses índios cultivavam principalmente o milho, o algodão e a banana, sendo que a maior parte deles andava nua e ocupava-se principalmente da caça. Os Kamakã não possuíam líderes nativos e eram chefiados por diretores portugueses que tinham o objetivo de civilizá-los, por ordem do governo. Os Kamakã eram escravizados, forçados a trabalhar na construção de estradas e no desmatamento (NEUWIED, 1940, p. 411). Próximos ao Arraial da Conquista, em Gibóia, existiam índios Kamakã, que, segundo Neuwied, eram não-civilizados. Contudo, por conta da opressão dos portugueses, começaram a adotar usos e costumes dos dominantes (*ibidem*). Neuwied (1940:413) observou que ainda andavam nus, tapando apenas as partes íntimas com um 'hirainaka' como eles chamavam. Arrancavam ou cortavam todos os pelos, inclusive as sobrancelhas, possuíam orelhas furadas e se pintavam com urucu e jenipapo.

Neuwied encontrou também o restante da tribo Kamakã, nas margens do Rio Grande de Belmonte, chamados pelos portugueses de Menien, mas os quais se autodenominavam Kamakã, um povo cujos traços indígenas, como relatado por Neuwied (1940:413), já tinham sido modificados, pois se tratava de uma mistura com negros, tinham a pele escura e apenas

dois senhores idosos sabiam melhor a sua língua e apenas os idosos se lembravam da sua origem no Catolé (NEUWIED, 1958, p. 235). Esses Kamakã tiveram que se habituar à moradia fixa, feita de madeira, barro e casca de árvores, dormiam numa espécie de cama, sendo que as crianças geralmente dormiam no chão com os cachorros, não possuíam animais domésticos além do cão trazido pelos europeus (NEUWIED, 1940, p. 413). Fabricavam potes a partir da argila, cultivavam plantas: banana, milho, mandioca e batatas. Do algodão, as mulheres faziam cordas que utilizavam na vida doméstica, além de enfeites, ornamentação de armas, aventais que eram usados por elas e sacos utilizados pelos demais (NEUWIED, 1940, p. 414). Fabricavam também arcos feitos de pau de braúna bem polidos e flechas bem ornamentadas. Seus inimigos eram os Botocudos que viviam próximos ao rio Pardo e os atacavam sempre que eram mandados por seu chefe, o capitão Paulo Pinto (NEUWIED, 1940, p. 415). Para obter outras mercadorias que precisavam, vendiam tochas de cera e mel para os europeus (NEUWIED, 1940, p. 416).

Os Kamakã, após uma caçada boa, comemoravam com danças, cantos e bebidas. A dança era em forma de círculo: quatro homens ficavam um atrás do outro, dando inúmeras voltas em torno do vaso que contém a bebida, girando e cantando. Eles eram capazes de fazer esse ritual a noite inteira. As mulheres também entravam na dança, sempre de duas em duas, com a mão esquerda nas costas umas das outras, o canto era acompanhado pelos instrumentos musicais que eles mesmos fabricavam (NEUWIED, 1940, p. 417). A bebida era feita principalmente do milho, mas poderia ser preparada também à base de mandioca ou batata. Os índios mastigavam o milho doze ou dezesseis horas antes, depois cuspiam num vaso e acrescentavam água quente, e despejavam o líquido na casca de uma árvore para fermentação, colocando fogo por baixo da casca da árvore. Os homens se pintavam para a festa com longas listras negras, e as mulheres, com círculos formados de meia-lua concêntrica por cima dos seios, além de linhas no rosto. Enfeitavam a cabeça com barretes de penas e colocavam penas também nas orelhas. Os instrumentos de produzir som para acompanhar a dança eram chamados de ‘herenehediocá’ e ‘kechich’, sendo que o primeiro era feito de cascos de anta amarrados em dois maços por meio de tiras, e o segundo a partir de uma cabaça oca, com algumas pedrinhas dentro, presa a um cabo de madeira (NEUWIED, 1940, p. 417).

Wied-Neuwied relata que, se um Kamakã ficasse doente, esse ficava isolado e não recebia ajuda de ninguém. Esses índios conheciam poucos medicamentos; para curar doentes,

lançavam fumaça de tabaco nos enfermos. Caso um Kamakã morresse, todos os índios ficavam em volta dele chorando e gemendo. Esse ritual durava dias, mas a dor da perda, segundo Neuwied, era fingida e quando se pensava que tinha acabado, eles voltavam a chorar e gritar, só após algum tempo, o morto era enterrado (NEUWIED, 1940, p. 418). Os Kamakã acreditavam que, se o índio morto não fosse bem tratado em vida, ele voltaria sob a forma de uma onça para fazer mal aos que ficavam na aldeia. Na sepultura, eles colocavam junto do morto um recipiente com ‘caui’, bebida de milho, arcos e flechas e enterravam, depois faziam uma fogueira em cima do túmulo (NEUWIED, 1940, p. 418).

Como já foi dito, os Mongoyó viviam em meia dúzia de aldeias próximas ao Rio Pardo – ao norte – e as famílias viviam isoladas, cultivando batatas, abóboras, inhames, melancias, mandioca, além de colherem mel. Da cera e das abelhas misturadas com água, eles faziam um tipo de bebida que os deixavam embriagados (NEUWIED, 1940, p. 419). Nas aldeias dos Mongoyó não havia cerimônia para escolher o nome de alguém quando nascia. Se alguém morria, esse era enterrado nu e sentado (*ibidem*). O instrumento musical fabricado por eles era de uma corda fina esticada num arco. Com relação às mulheres, essas se vestiam com franjas de algodão trançado até o joelho, e os homens cobriam as partes íntimas com folhas de palmeiras entrelaçadas (*idem ibidem*). No que diz respeito ao artesanato, produziam potes de argila e foles com couro de veado. Também não possuíam outros animais domésticos além de cachorros, os quais eram muito utilizados para ajudar nas caçadas. Suas armas eram arcos e flechas, e apenas aqueles índios que se tornaram adeptos à religião cristã usavam armas de fogo (*idem ibidem*).

Segundo Rodrigues, nas décadas de 30 e 40 do século passado ainda restavam alguns falantes da língua Kamakã (RODRIGUES, 1999).

CAPÍTULO III

3 Observações sobre a grafia usada no registro dos dados

Antes de apresentarmos as correspondências, faremos algumas observações sobre a grafia usada pelos autores ao registrarem os dados das línguas incluídas na família Kamakã por Chestmir Loukotka (1932).

Segundo Rodrigues (em aula ministrada no Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) da Universidade de Brasília), os pesquisadores da primeira metade do século XIX escreviam de acordo com os hábitos ortográficos que conheciam, pois não havia transcrição fonética padronizada, além disso, os autores não eram lingüistas. Martius e Neuwied eram do sul da Alemanha e tinham uma maneira peculiar de representar os dados que coletavam. No quadro das consoantes, quando ouviam [ph], [th], [kh] transcreviam *p*, *t* e *k*, e quando ouviam [p], [t] e [k] transcreviam *b*, *d* e *g*; nesse caso, o que se tornava mais relevante para esses alemães era distinguir os sons considerando a aspiração como traço distintivo. Ao ouvirem os sons [f], [s] e [š] os representavam com *f*, *ss* e *sch*, respectivamente. Com relação aos sons [m], [n] e [ŋ] escreviam *m*, *n*, *ng*, respectivamente. O som [x] era representado como nas sequências *ach*, *och* e *uch*. O [j] era escrito da mesma forma, *j*. A africada alveolar [ts] como *z* ou *tz*, e a alveopalatal [č] como *tsch*. A fricativa surda [f] como *v* e a sonora [v] como *w*. Em relação às vogais, para representar [ɛ] usava-se *ä*, ao passo que *ö* e *ü* mais provavelmente representavam as centrais ou posteriores não-arredondadas.

Os franceses utilizavam os mesmos símbolos dos portugueses para representar os sons consonantais. No caso das vogais, [ɛ] era representado por *ai*, [o] por *au*, [u] por *ou* e [a:] por *â*; *u* provavelmente representava a vogal alta central ou posterior não-arredondada.

3.1 Análise comparativa entre os dados da língua Kamakã

Loukotka reuniu três listas de vocábulos da língua Kamakã coletadas cada uma delas por três pesquisadores: Martius, Douville e Sá de Oliveira. Neste trabalho acrescentamos também a lista de Mansur Guérios (1945). A análise que se segue busca fundamentos para atestar se se trata realmente de uma só língua com variações dialetais ou de línguas diferentes. As palavras, ou parte delas, são escritas em *itálico* para destacar, em cada conjunto, as semelhanças de forma e de significado compartilhados.

K1 – Martius

K2 – Douville

K3 – Sá de Oliveira

K4 – Guérios

	Item lexical	K1	K2	K3	K4
1)	‘água’	<i>Tsã</i>	<i>tsã</i>	-	<i>sã</i>
2)	‘anta’	<i>heriro, herira</i>	<i>heré</i>	-	<i>rê</i>
3)	‘arara’	<i>Šoke</i>	<i>šoké</i>	-	<i>šanã</i>
4)	‘arco’	-	<i>kua-uan</i>	<i>kuhan</i>	<i>wãn, uãn</i>
5)	‘banana’	<i>Tako</i>	<i>doko</i>	<i>dakó</i>	<i>dakó</i>
6)	‘beber’	<i>Tsanka</i>	<i>tsanka</i>	-	<i>hingrin</i>
7)	‘boca’	<i>aenköh-teiokáh</i>	-	<i>dinarikó</i>	<i>ni-dikôbá</i>
8)	‘braço’	<i>guanguani uma</i>	-	<i>ñinám</i>	<i>nên-kihká</i>
9)	‘cabaça’	<i>Keyakoh</i>	<i>kedia-i-ko</i>	-	<i>nanká</i>
10)	‘cabeça’	<i>Héroh</i>	<i>hero</i>	<i>aurú</i>	<i>mokohái</i>
11)	‘cabelo’	<i>a(e)n köh</i>	<i>kéh</i>	-	<i>rôké</i>
12)	‘carne’	<i>Koa</i>	<i>enkoho-uadia</i>	-	<i>tôpá, rinh-ró</i>
13)	‘casa’	<i>Toah</i>	<i>déha</i>	<i>dhá</i>	<i>södá</i>
14)	‘céu’	<i>Tuiče</i>	<i>diguia</i>	-	-
15)	‘coxa’	<i>guaeng gešuru</i>	-	<i>akatsa</i>	-

16)	‘dedo’	<i>guangāničo</i>	-	<i>nindžú</i>	-
17)	‘dedo do pé’	<i>guang uati</i>	-	<i>haúan</i>	-
18)	‘dente’	<i>Anköh txoh</i>	-	<i>džu</i>	<i>nantxó-ie</i>
19)	‘dormir’	<i>montong</i>	<i>hondong</i>	<i>humhum</i>	<i>hóndón,</i> <i>hóndón</i>
20)	‘faca’	<i>ghajahadóh</i>	<i>kedía</i>	-	-
21)	‘farinha’	<i>kahačieihí</i>	<i>kahaguí</i>	-	-
22)	‘filha’	<i>krani(n)g</i>	<i>karani</i>	-	<i>koá-nin</i>
23)	‘filho’	<i>kraning</i>	<i>karani</i>	-	<i>koá-nin</i>
24)	‘fogo’	<i>tiakö?, hioghköh</i>	<i>yaké</i>	<i>diakö</i>	<i>txaköü</i>
25)	‘grande’	<i>tau(n)gohoh</i>	<i>danho</i>	-	<i>iê, daká</i>
26)	‘lava’	<i>ohorang</i>	<i>kanruni</i>	-	<i>sanguá</i>
27)	‘língua’	<i>aenkö čiale</i>	-	<i>dihari</i>	<i>xmôéko</i>
28)	‘lua’	<i>hähthie</i>	<i>egisé</i>	<i>dihé</i>	<i>tuê</i>
29)	‘mão’	<i>nighör</i>	<i>niker</i>	<i>ninkas</i>	<i>nenkixk,</i> <i>uwadéra</i>
30)	‘milho’	<i>hikamhi</i>	<i>kedió</i>	-	<i>xankrára</i>
31)	‘moça’	<i>nihirangua</i>	<i>karani</i>	<i>karankodžo,</i> <i>kanin</i>	-
32)	‘muito’	<i>hi</i>	<i>hi-ye-ie</i>	-	<i>iê, yê</i>
33)	‘não’	<i>ho</i>	<i>ho</i>	-	-
34)	‘nariz’	<i>aenköh niniköh</i>	<i>nihigo</i>	<i>ninyko</i>	<i>ninkó,</i> <i>nüdükô</i>
35)	‘negro’	-	<i>kohada</i>	<i>kuadá</i>	-
36)	‘olho’	<i>aenköh-toh</i>	<i>kedó</i>	<i>ankedo</i>	<i>kôdôh</i>
37)	‘onça’	<i>yakoe dere</i>	<i>džiake ilie</i>	-	<i>txakêiê</i>
38)	‘orelha’	<i>aenköh nikokah</i>	<i>nikóka</i>	<i>ninkoká</i>	<i>nikóka</i>
39)	‘pai’	<i>göhrntan</i>	<i>kehendan</i>	-	-

Percebemos que os dados colhidos pelos diferentes pesquisadores pertencem realmente a uma mesma língua. Contudo, com variações, as quais mais provavelmente se devem ao fato

de os dados terem sido coletados em ocasiões diferentes e de informantes com graus diferenciados de conhecimento da língua portuguesa, que era a usada para comunicação com o pesquisador, o qual, por sua vez, nem sempre dominava bem esta língua. Outras variações podem dever-se às diferentes grafias adotadas pelos pesquisadores para representar o que ouviam. Considerando estes fatos, não podemos afirmar que as variações encontradas tratar-se-iam de variações dialetais, apenas.

Itens lexicais com formas semelhantes entre as línguas:

6 (K1, K2), 10 (K1, K2), 33 (K1, K2), 38 (K1, K2, K3, K4).

Os dados de Guérios são os que apresentam maiores diferenças, já que o seu informante não utilizava mais a língua Kamakã no seu dia-a-dia, apenas possuía vagas lembranças de uma lista lexical bastante reduzida. Como mostram os dados coletados por Guérios, já era perceptível na fala de seu informante a influência dos sons do português ao pronunciar as palavras em Kamakã, o que implica em uma descaracterização de vários sons da língua original. Note-se, além disso, que esses dados foram registrados por Guérios cerca de cem anos após os outros registros.

3.2 Análise comparativa entre Mongoyó e Kotoxó

A partir da análise fonológica e lexical dos dados da língua Mongoyó, coletados por Wied, e da língua Kotoxó, coletados por Martius, percebemos que não se trata de duas línguas distintas, mas sim de ¹variações dialetais da mesma língua.

Dos conjuntos de palavras elencadas em seguida, as que se encontram em itálico são aquelas que correspondem em forma e em significado:

Itens lexicais	Mongoyó	Kotoxó
‘água’	<i>sa</i>	<i>sã</i>
‘alto’	<i>hoiniá</i>	<i>hoinia</i>
‘anta’	<i>herä</i>	<i>here</i>

¹ Como, aliás, o próprio Martius já havia observado (Martius, 1835:156)

‘arara’	<i>čokä</i>	<i>šoke</i>
‘árvore’	<i>hauué</i>	<i>sahié</i>
‘bonito’	<i>šo-hó</i>	<i>šohó</i>
‘boca’	<i>häräkó</i>	<i>häräko</i>
‘bom’	<i>koiki</i>	<i>koiki</i>
‘branco’	<i>inkohéro</i>	<i>kohoro</i>
‘cabeça’	<i>hero</i>	<i>heró</i>
‘cabelo’	<i>kä</i>	<i>ké</i>
‘cair’	<i>kogeraxká</i>	<i>kogeraxká</i>
‘canoa’	<i>hoinaká</i>	<i>hoinaka</i>
‘casa’	<i>dea</i>	<i>tuáh</i>
‘cervo, veado’	<i>hénä</i>	<i>henä</i>
‘comer’	<i>niukuá</i>	<i>niukuá</i>
‘dançar’	<i>ekoin</i>	<i>ekoĩn</i>
‘dente’	<i>dió</i>	<i>dió</i>
‘dia’	<i>ari</i>	<i>hetiošama</i>
‘estrela’	<i>péo</i>	<i>piáo</i>
‘faca’	<i>kediahadó</i>	<i>kihlihata</i>
‘feijão’	<i>keña</i>	<i>giña</i>
‘filha’	<i>kiaxrará</i>	<i>kiaxkrará</i>
‘filho’	<i>kedikägrá</i>	<i>kedikäkrá, getiekrá</i>
‘fio, fibra’	<i>hueraxkaxká</i>	<i>hueraxkaxká</i>
‘flecha’	<i>hoay²</i>	<i>hoag</i>
‘fogo’	<i>diaxke</i>	<i>tiakih</i>
‘grande’	<i>iró-iró</i>	<i>irö-oro</i>
‘lua’	<i>hädikä</i>	<i>hidié</i>
‘macaco’	<i>kaun</i>	<i>kão</i>
‘machado’	<i>yakédoxkó</i>	<i>yakedoxkó</i>
‘mão’	<i>ninkre</i>	<i>nihitió</i>

² Nos dados colhidos pelo francês Etienne, a palavra para flecha em Mongoyó é *hoag*.

‘milho’	<i>kešo</i>	<i>kethió</i>
‘muito’	<i>eühiähiä</i>	<i>hie hie</i>
‘não’	<i>moši</i>	<i>moši</i>
‘nariz’	<i>nihiekó</i>	<i>niika</i>
‘preto’	<i>koaxedá</i>	<i>tah</i>
‘olho’	<i>kedó</i>	<i>kitho</i>
‘orelha’	<i>nixkó</i>	<i>niko</i>
‘pai’	<i>keandá</i>	<i>kihetá</i>
‘vermelho’	<i>kohirá</i>	<i>hyroh</i>

Como pode ser visto na lista de palavras precedente, o número de itens lexicais não coincidentes é de apenas três palavras (‘dia’, ‘mão’ e ‘preto’), ou seja, menos de 10%, o que nos leva a concluir que Mongoyó e Kotoxó são uma só língua. Essa língua será nomeada aqui por Kotoxó, seguindo sugestão de Rodrigues (comunicação pessoal), para quem o termo Kotoxó combina mais com os de outros povos Macro-Jê da mesma região, como Kutaxó, Pataxó, Monoxó.

As principais diferenças sonoras depreendidas dos dados de cada conjunto comparado são as seguintes:

Mongoyó		Kotoxó	Exemplos
d	:	t	‘casa’, ‘faca’, ‘preto’, ‘olho’, pai’
d ^l	:	t ^l	‘fogo’
d ^l	:	d ^l ~ t ^l	‘filho’
k	:	g	‘feijão’
k	:	k ~ g	‘filho’

Os dados apontam para uma tendência à sonorização de oclusivas nas duas variantes do Kotoxó. Em palavras como ‘casa’, ‘faca’, ‘preto’, ‘olho’, ‘pai’, a lista Kotoxó tem *t* correspondente a *d* da lista Mongoyó. Há palavras em que há a correspondência *d* : *d* nas duas listas, como na palavra para ‘machado’ (Mo *yakédoxó*: Ko *yakedoxó*), e *d^l* : *d^l* nas palavras para ‘dente’ e ‘lua’, respectivamente *hädiä* : *hidié* e *dió* : *dió*; na palavra para ‘fogo’, a lista Mongoyó tem *d^l*, enquanto que a Kotoxó tem *t^l*. Note-se ainda que na palavra para ‘filho’, a

lista Mongoyó tem d^i enquanto que a Kotoxó apresenta t^i em variação com d^i . Finalmente, ambas as listas têm g na palavra para ‘cair’; mas na palavra para ‘feijão’, a lista Mongoyó tem k enquanto a Kotoxó tem g ; e na palavra para ‘filho’, a primeira tem k e a segunda tem k alternando com g . As alternâncias de t e d , de t^i e d^i e de k e g , na mesma lista ou entre as duas listas, sugerem que as oclusivas poderiam encontrar-se seja em processo de sonorização, seja em processo de ensurdecimento na língua Kotoxó.

Consideramos que, se realmente a flutuação surda/sonora em Kotoxó correspondesse a um processo de mudança, seria provável que a direção desta fosse surdo > sonoro, visto que há muito mais registro das primeiras.

Por outro lado, as variantes surdas/sonoras encontradas nas duas listas, podem ser decorrentes de diferentes percepções dos sons por parte dos pesquisadores que coletaram os dados dessa língua. Voltaremos a este ponto na seção 3.3. Tendo sido esse o caso, ressaltamos que os dois alemães que registraram a língua Kotoxó tenderiam a registrar as consoantes surdas não aspiradas com as letras b, d, g.

3.3 Análise fonológica e lexical das línguas que compõem a família lingüística Kamakã

Nesta seção, apresentamos uma comparação de itens lexicais das línguas Kamakã, Kotoxó, Menien e Masakará com vistas à identificação de correspondências fonológicas sistemáticas entre elas. Reunimos 78 conjuntos de itens com o mesmo significado, referentes a partes do corpo, elementos da natureza, nomes de plantas, de animais, de alimentos em geral, verbos de ações elementares (comer, dormir, andar), dentre outros (ver anexo II).

Faremos agora a análise dos dados disponíveis, os quais foram retirados da lista de vocábulos do trabalho de Chestmir Loukotka (ver anexo I) e do de Mansur Guérios (ver anexo III). Os dados foram selecionados segundo critérios que viabilizam uma comparação plausível tendo em vista as explicações das mudanças sonoras das línguas da família lingüística Kamakã. Para tanto, tentamos seguir os seguintes pressupostos: a) as línguas podem apresentar variação morfofonêmica e isso pode ser verificada numa análise sincrônica por meio da comparação entre elas, sendo essas variações um ponto a ser considerado para uma possível mudança no sistema (HOCK, 1991, p. 532). Contudo, pelo número limitado de palavras

comparáveis, foi difícil estabelecer mudanças sistemáticas regulares; b) o objetivo da reconstrução externa da família lingüística é chegar ao estágio de invariação de que surgiram as variações e assim explicarmos o porquê das mudanças ocorrerem numa certa direção (HOCK, 1991, p. 533), sendo que, neste estudo, tornou-se difícil a busca de explicações das mudanças justamente por conta de um número bastante reduzido de exemplos para atestar as direções das mudanças; c) prioriza-se a análise de mudanças sonoras regulares (HOCK, 1991, p. 535); d) para uma reconstrução externa se faz necessário ter à disposição palavras de mesmo significado nas línguas a serem estudadas, pois isso facilita o trabalho de reconstrução; e) é necessário que se eliminem as irregularidades criadas por processos analógicos (HOCK, 1991, p. 542); f) mesmo num estudo em que o método científico é empregado, é necessário contar também com o conhecimento intuitivo do lingüista (HOCK, 1991, p. 592).

Neste estudo, nos detemos a fazer uma análise contrastiva de cunho fonológico e lexical, já que não temos dados gramaticais suficientes para um estudo das estruturas sintáticas, uma vez que, como já observamos anteriormente, o material lingüístico disponível sobre as línguas da família Kamakã é extremamente limitado.

Os dados analisados aqui foram organizados conforme os ambientes fonológicos encontrados. Por esse motivo muitos conjuntos de palavras se repetem nas tabelas a seguir. Os números que aparecem no canto direito das tabelas se referem à numeração dos conjuntos de palavras disponíveis no anexo II, e as palavras que aparecem entre parênteses indicam que não se tratam de cognatos, sendo assim, não foram levadas em consideração nesta análise.

Lista das fontes bibliográficas:

- K1 – Kamakã (Martius)
- K2 – Kamakã (Douville)
- K3 – Kamakã (Sá Oliveira)
- K4 – Kamakã (Guérios)
- Mo1 – Mongoyó (Wied)
- Mo2 – Mongoyó (Etienne)
- Me – Menien (Wied)
- Ma – Masakará (Martius)
- Ko – Kotoxó (Martius)

p / #__

Proto-Kamakã	* p itako	‘quati’	
K1 Ko	p itakoh, pitaikioh p itakó		28

Proto-Kamakã	* p io	‘estrela’	
K1 Ko Mo1 Me Ma	p iong p ião p éo p inia p inatsö		36

t / #__

Proto-Kamakã	* t oa	‘casa’	
K1 Ko Me Mo1 K3 K4 Ma	t öah t uáh t uvua d ea d ihá (södá) (pá)		23

Proto-Kamakã	* t ako	‘esp. de banana’	
K1 K3 K2 Ko K4 Ma	t ako d akó d oko, da-ho t aio d akó (inkrú)		9

t / V__V

Proto-Kamakã	* p itako	‘quati’	
K1 Ko	p itakoh, pitaikioh p itakó		28

		‘irmão’	
K1	kejakguanang		49
K2	kerki-kerad ^{dan}		
Mo1	kiaxho ^{dan}		
Ko	xiton		
Me	ató		
Ma	(thiatkoa)		

		‘madeira’	
Mo1	hoindá		54
Me	hintá		

Proto-Kamakã	* keto	‘olho’	
K1	aenköh-toh		67
K2	kedó		
Mo1	kedó		
K3	ankedo		
Ko	kitho		
Me	imgutó		
K4	kôdôh		
(Ma)	göxtx		

Proto-Kamakã	*kehentã	‘pai’	
K1	göhrntan		71
K2	kehendan		
Mo1	keandá		
Ko	kihetá		
Ma	(ghüingniang)		

Proto-Kamakã	*(V)ta	‘pequeno’	
K2	karad ^{an} , dan		74
Mo1	krahado		
Me	intan		
K4	kráitxôdã		

d / V ___ V

Proto-Kamakã	* kedo	‘machado’	
Mo1	jakédoxkó		53
Ko	jakédoxkó		
K2	keke-do		

Proto-Kamakã	*kwahda	‘preto’, ‘negro’	
Mo1	koaxedá		65
Me	kuatá, koatá		
K2	kohada		
K3	kuadá		
K4	kuàdá		
Ko	ta		
Mo1	khohadá		
Ma	(oeixtá, gaxta-totso)		

Proto-Kamakã		‘pescoço’	
Mo1	ninkhedió		75
K1	guan kakó		
Me	inkió		
Ma	(thüngkoh)		

tʃ / # ___

Proto-Kamakã	*tʃoke	‘arara’	
K1	šoke, šokiöh		5
K2	šoké		
Ko	šoke		
Mo1	čokä		
K4	šanã		

Proto-Kamakã	*tʃoho	‘belo’	
K1	šiohoh, šioijeh		12
Mo1	šohó		
Ko	šohó		
K4	šohôdã		
Me	(ingote)		
Ma	(oxhuangöikro)		

Proto-Kamakã	*tʃo	‘dente’	
K1	ankö? txoh		33
K3	džu		
Mo1	dió		
Ko	dió		
Me	jo		
K4	nãn- txô		
Ma	thüoh		

Proto-Kamakã	*tʃakɨ	‘fogo’	
K1	tiaköh , hiöghköh		44
K3	diakö		
Mo1	diaxke		
Ko	tiakih		
K4	txaköü , txaköu		
K2	yaké		
Me	jarú		
Ma	(guxah, hugha)		

Proto-Kamakã	* tʃakarata	‘irmã’	
K1	jakrahadá		48
K2	džakaradan		
Ko	šakrata		
Mo1	(ixodorá)		

Proto-Kamakã	*tʃano	‘pássaro’	
K1	šano		73
Mo2	šano		
Mo1	sana		
K4	šaná		
Me	satá		
Ma	(tsakru, tsayro)		

tʃ / V ____ V

Proto-Kamakã	*ketʃa	‘faca’	
Mo1	kedihadó		37
K2	ked-ia		
Me	keao		
K1	ghajahadoh		
Ko	kihlihata		
K4	kitxá-krê		
Ma	(čiahtá)		

Proto-Kamakã	*hetʃe	‘lua’	
K1	hãthie		51
Mo1	hãdiã		
Ko	hidié		
K3	dihé		
Me	jé		
K2	(egisé)		
K4	tuê		
Ma	(gaxang)		

Proto-Kamakã	*ketʃo	‘milho’	
K2	kedió		60
Ko	kethió		
Mo1	kešo		
Me	kšo		
Ma	(mutgkú)		

ts / # ____

Proto-Kamakã	*tsã	‘água’	
K1	tsã		1
K2	tsã		
Mo1	sa		
Ko	sã		
Me	sĩ		
Ma	tsüe, tsyin		

Proto-Kamakã	*tsã-ka	‘beber (água)’	
K1	tsan-ka, inka		11
K2	tsan-ka		

Proto-Kamakã	*tsã	‘chuva’	
K1	tsan-ranka		27
Mo1	tsoraxka		
Me	sí		
K4	sãn-kôré		
Ma	tsü		

k / #__

Proto-Kamakã	*kwã	‘arco’	
K2	kua-uan		7
K3	kuhan		
Mo1	kuan		
Mo2	kuang		
Me	huán		
K4	wãn, uãn		
(Ma)	(kuminiäkang)		

Proto-Kamakã	*ka	‘beber’	
K1	tsanka, inka		11
K2	tsanka		
Ma	(niameng mung quamu)		

Proto-Kamakã	*kVhVro	‘branco’	
K1	këkõrõh		15
Ko	kohoro		
Mo1	inkohéro		
K2	hara		
(Ma)	(ingkuirá)		

Proto-Kamakã	*ke	‘cabelo’	
K1	a(e)n-köh		18
K2	kéh		
K4	rôkê		
Ko	ké		
Mo1	kä		
Me	iningé		
Ma	xöh		

Proto-Kamakã	*ketja	‘faca’	
Mo1	kedihado		37
K2	ked-ia		
Me	keaio		
K1	ghajahadoh		
Ko	kihliahata		
K4	kitxákrê		
Ma	(čiaéhtá)		

Proto-Kamakã	*kinja		
K2	kuñia	‘feijão’	39
Mo1	kegná		
Ko	genjá		
K4	(óitá)		
Ma	(kuning)		

Proto-Kamakã	*kiaxrará	‘filha’	40b
Mo1	kiaxkrará		
Ko	kiaxrará		
(Ma)	(thsiagtkrá)		

Proto-Kamakã	*ketje	‘filho’	
Mo1	kediágrá		41 ^a
Ko	getiekrá, kediákrá		
Ma	(kügkra)		

Proto-Kamakã		‘filho’	
K1	kraning		41b
K2	kani		
K4	koá-nin		
Me	kamajo		
Ma	kügkrá		

Proto-Kamakã	*kwanĩ	‘menino’	
Mo1	koinin		59
Me	kanaiu		
K1	guaning		
Ma	(íngabix)		

Proto-Kamakã	*kaũ	‘macaco’	
Mo1	kaun		52
Me	kaun		
K4	kãn		
Ko	kâo		

Proto-Kamakã	*kaji	‘mandioca’	
Me	kaiú		55
K1	kaš		
(Ma)	kaü, kaxüh, kaxü		

Proto-Kamakã	*ketjo	‘milho’	
K2	kedió		60
Ko	kethió		
Mo1	kešo		
Me	kšo		
Ma	(mutgkú)		

Proto-Kamakã	*kwaxda	‘preto’, ‘negro’	
Mo1	koaxedá		65
Me	kuatá, koatá		
K2	kohada		
K3	kuadá		
K4	kuàdá		
Ko	tah		
Mo1	khohadá		
Ma	(oeixtá, gaxta-totso)		

Proto-Kamakã	*keto	‘olho’	
K1	aen kōh-tóh		67
K4	kôdôh		
K2	kedó		
Mo1	kedó		
K3	ankedo		
Ko	kitho		
Me	imgutó		
Ma	götx		

Proto-Kamakã	*karaj	‘papagaio’	
K1	garahübe		72
K2	karaye		
Ko	gangaje		
Ma	gará		

k / V__V

Proto-Kamakã	*tʃoke	‘arara’	
K1	šoke, šokiöh		5
K2	šoké		
Ko	šoke		
Mo1	čokä		
K4	šanã		

Proto-Kamakã	*tako	‘banana’	
K1	tako		9
K3	dakó		
K4	dakó		
K2	doko		
Ko	taio		

Proto-Kamakã	*eriko	‘boca’	
K1	aenköh-teiokáh		13
K3	dinarikó		
Mo1	häräko		
Ko	häräko		
K4	ni-dikóbá		
Me	(jniatagó)		
Ma	(txiatta)		

Proto-Kamakã	*pitako	‘quati’	
K1	pitakoh, pitaikioh		28
Ko	pitakó		

Proto-Kamakã	*jukwa	‘comer’	
Ko	niukuá		29
Mo1	niukuá		
Me	jukuá		

Proto-Kamakã	*tjaki	‘fogo’	
K1	tiaköh, hiöghköh		44
K3	diakö		
Mo1	diaxkek		
Ko	tiakíh		
K2	yaké		
Me	jarú (i)		
Ma	(guxáh, hugha)		

Proto-Kamakã	*jak(a)ratã	‘irmã’	
K1	jakrahadá, sakratan		48
K2	džakaradan		
Ko	šakrata		

Proto-Kamakã	*kedo	‘machado’	
Mo1	jakédoxkó		53
Ko	jakedoxkó		
K2	keke-do		

Proto-Kamakã	*ker	‘mão’	
K1	nighör		57
K2	niker		
Mo1	ninkre		
Me	inkrú		
Ko	nihitió		
K4	nênkísk		
Ma	(kümbüo?)		

Proto-Kamakã	*niniko	‘nariz’	
K1	aenkoh ninikoh		64
K4	ninkó		
K3	ninyko		
K2	nihigo		
Mo1	nihiekó		
Ko	niika		
Me	(inšiwó)		
Ma	(txüxgo)		

Proto-Kamakã	*jake	‘onça (<i>Felis onça</i>)’	
K1	yakoe-dere		68
Mo1	jaké-deré		
K2	d’ziake-iliék		
Ko	tiuké-hié		
K4	txakêiê		
Me	(kakiamú)		
Ma	yakreö, yakré		

Proto-Kamakã	*nikoka	‘orelha’	
K1	aenköni-koka		70
K2	nikóka		
K4	nikôka		
K3	ninkóka		
Ko	niko		
Mo1	nixkó		
Me	inkogá		
Ma	(xü(e)xgoh)		

m / # ____

Proto-Kamakã	*mã	‘andar’	
K1 Mo1 K4	tako emang man hãmã, amã		3

h / # ____

Proto-Kamakã	*here	‘anta’	
K1 K2 Mo1 Ko Me K4 Ma	heriro, herira heré herã here ere rê (kratso)		4

Proto-Kamakã	*hi	‘árvore’	
K1 Me Mo1 Ko Ma	hui hí hauué šahié (ping)		8

Proto-Kamakã	*hero	‘cabeça’	
K1 K2 Mo1 Ko K3 Me Ma	héroh hero hero heró aúrú inro (axaroh)		17

Proto-Kamakã		‘cera’	
K2 Mo1	í-ui hioí		25

Proto-Kamakã	hohjõ	‘cutia’	
K1	hohiong		31
Mo1	hohion		
Me	onšó		

Proto-Kamakã	*hondõ	‘dormir’	
K1	montong		35
K2	hondong		
Me	jundun		
K4	hõndó		

Proto-Kamakã	*hwaj	‘flecha’	
Mo1	hoay		43
Mo2	hoag		
Ko	hoag		
Me	hain		
K4	wãn		

Proto-Kamakã	*hedje	‘lua’	
K1	hãthie		51
Mo1	hãdiã		
Ko	hidié		
K3	dihé		
Me	jê		
K2	egisé		
Ma	(gaxang)		

Proto-Kamakã	*hĩ-ta	‘madeira’	
Mo1	hoindá		54
Me	hintá		

Proto-Kamakã		‘manhã’	
K1	hegionih, higiohoh		56
Ko	hidione		

Proto-Kamakã	*hie-hie	‘muito’	
K1	hi		62
K2	hi -yé-ie		
Ko	hie hie		
Mo1	eü hi ähiä		
Ma	(páutsöh, eroang)		

h / V__V

Proto-Kamakã	*tʃoho	‘belo’	
K1	šio h oh, šioijeh		12
Mo1	šo- h ó		
Ko	š o hó		
K4	š o hódã		
Ma	(oxhuangöikro)		

Proto-Kamakã	*kVhVro	‘branco’	
K1	he ko roh		15
Ko	ko h oro		
Mo1	in ko héro		
K2	h ara		
Ma	(ingkuirá)		

Proto-Kamakã	*kohoaja	‘carne’	
K1	koa		22
K2	enk o h <u>o</u> -uadia		
Ma	(ko h <u>o</u> aija)		

Proto-Kamakã	*kehentã	‘pai’	
K1	gö h rantan		71
K2	ke h endan		
Mo1	keandá		
Ko	ki h etá		
Ma	(ghüingniang)		

n / # ____

Proto-Kamakã	*niniko	‘nariz’	
K1	ninikoh		64
K3	ninyko		
K2	nihigo		
Mo1	nihiekó		
Ko	niika		
K4	ninkó, nüdükô		
Ma	(txüxgo)		

n / V __ V

Proto-Kamakã	*kranĩ	‘filha, filho’	
K1	Krani(n)g		40 ^a , 41 ^a
K2	kranĩ		
K4	koá-nin		

Proto-Kamakã		‘manhã’	
K1	hegionöh, higiohoh		56
Ko	hidione		

Proto-Kamakã	*kwanĩ	‘menino’	
Mo1	koinin		59
Me	kanaiu		
K1	guaning		
Ma	(ingabix)		

Proto-Kamakã	*niniko	‘nariz’	
K1	ninikoh		64
K3	ninyko		
K2	nihigo		
Mo1	nihiekó		
Ko	niika		
K4	ninkó, nüdükô		
Ma	(txüxgo)		

Proto-Kamakã	*tʃano	‘pássaro’	
K1	šano, šunong		73
Mo2	šano		
Mo1	šana		
Me	satá		
Ma	(tsakru, tsayro)		

j / ___#

Proto-Kamakã	*waj	‘flecha’	
Mo1	hoay		43
Mo2	hoag		
Ko	hoag		
Me	hain		
K4	wãn		

3.4 Correspondências fonéticas

Para ser feita a análise das correspondências fonéticas, organizamos os dados da seguinte forma: os dados da língua Kamakã coletados por Martius, Douville, Sá de Oliverira e Mansur Guérios estão representados por Ka; as línguas Mongoyó e Kotošo, por serem tratadas aqui como sendo uma só língua, representadas por Ko; Menien por Me e Masakarã por Ma. Os números que aparecem na tabela abaixo se referem aos conjuntos de palavras utilizados na análise (ver anexo II).

Proto-fonema	ambiente fonético	Ka	Ko	Me	Ma	Exemplos
*p	p / #___	p	p	p	p	28; 36.
*t	t / #___	t (K1) d (K2, K3, K4)	t (Ko) d (Mo1)	t	-	23; 9.
*t	t / V___V	t (K1) d (K2, K3, K4)	t (Ko) d (Mo1)	t	-	28; 49; 54; 67; 71; 74.
*d	d / V___V	d (K2, K3, K4)	d, t (Ko)	t	t	53; 65; 75.

			d (Mo1)			
*tʃ	tʃ / # ___	tʃ, tx (K1) y (K2) dʃ, dʒ (K3) tx (K4)	tʃ, dʃ (Ko) dʃ (Mo1)	j	t	12; 33; 44; 48; 73.
*tʃ	tʃ / V ___ V	j, tʃ (K1) dʃ (K2) d (K3) t, tx (K4)	dʃ, tʃ (Ko) d, dʃ, š (Mo1)	j, i, š	-	5; 37; 51; 60.
*ts	ts / # ___	ts	s (Ko e s Mo1) ts (Mo1)		ts	1; 11; 27
*k	k / # ___	k, g (K1) k (K2, K3 e K4)	k, g (Ko) k (Mo1)	h, g, k	k, g	7; 11; 15; 18; 37; 39; 40b; 41 ^a ; 41b; 52; 55; 60; 65; 67; 72.
*k	k / V ___ V	k, g (K1 e K2) k (K3 e K4)	k, j, h (Ko) k (Mo1)	k, g	k	5; 9; 13; 28; 29; 44; 48; 53; 57; 64; 68; 70.
*h	h / # ___	h, m (K1) h, Ø (K2) h (K4)	h, š (Ko) h (Mo1)	h, Ø	h	4; 8; 17; 25; 26; 31; 35; 43; 51; 54; 56; 62.
*h	h / V ___ V	h, Ø (K1) h (K4)	h (Ko) Ø, h (Mo1)	Ø	h	12; 15; 22; 71.
*m	m / # ___	m (K1 e K4)	m (Mo1)	-	-	3.
*n	n / # ___	n (K1)	n (Ko e	-	-	64.

			Mo1)			
*n	n / V__V	n (K1, K2 e K4) h (K2)	n, Ø (Ko) n, h (Mo1)	n, t	-	40 ^a ; 41 ^a ; 56; 59; 64; 73.

O quadro precedente reúne importantes indicações de que, por um lado, os conjuntos de palavras evidenciam correspondências sonoras através das línguas comparadas, com leves variações internas às línguas Kamakã, Kotoxó e Menien. Algumas dessas variações podem ser decorrentes do fato de que os dados dessas línguas foram coletados em momentos diferentes, e de terem sido coletados por pessoas com hábitos ortográficos distintos. Além disso, as variações podem ser justificadas pela dificuldade encontrada pelos pesquisadores em entender e/ou transcrever com acuracidade os dados coletados. É preciso que, no tipo de estudo que ora nos propomos a realizar, seja levado em conta até erros de percurso, como possíveis falhas tipográficas.

Por outro lado, não podemos descartar a hipótese da existência de processos de mudanças sonoras ativos no momento em que as línguas foram documentadas, ou em momentos anteriores ao enfraquecimento do uso dessas línguas.

Cientes de todas essas limitações, apontamos as seguintes considerações sobre as correspondências sonoras observadas através dos conjuntos de palavras comparados:

- 1) *p em início de palavra se manteve estável em todas as línguas (PK *pio ‘estrela’: K1 *pióng* : Ko *pião* : Mo1 *péo* : Me *pinia* : Ma *pinatsö*);
- 2) *t, tanto em início de palavra como entre vogais, tendia a sonorizar-se em Kamakã e em Kotoxó (PK *tako ‘esp. de banana’ : K1 *tako* : K2 *doko* : K3 *dakó* : K4 *dakó* : Ko *taio*; PK *keto ‘olho’ : K1 *aenköh-toh* : K2 *kedó* : Mo1 *kedó* : K3 *ankedo* : Ko *kitho* : Me *imgutó* : K4 *kódoh* : Ma *götx*);
- 3) *tʃ inicial e intervocálico provavelmente seguia a mesma tendência à sonorização manifestada pelo *t em Kamakã e em Kotoxó (PK *tfo ‘dente’ : K1 *anköh txoh* : K3 *džu* : Mo1 *dió* : Ko *dió* : Me *jo* : K4 *nãh-txó* : Ma *thüöh*; PK *hetfe ‘lua’ : K1 *hãthie* : Mo1 *hãdiä* : Ko *hidié* : K3 *dihé* : Me *jé* : K4 *tuê*);

- 4) **k*, em início de palavra e entre vogais, aparece regularmente nas línguas, porém flutuando com *g* em algumas palavras (PK **kinja* ‘feijão’ : K2 *kuñia* : Mo1 *kegná* : Ko *genjá* : Ma *kunung*);
- 5) **h*, em início de palavra, flutua com \emptyset , tanto em Kamakã quanto em Menien (PK **here* ‘anta’ : K1 *heriro* : K2 *heré* : Mo1 *herä* : Ko *here* : Me *ere* : K4 *rê*);
- 6) **h* é identificado em ambiente intervocálico nas línguas Kamakã, Kotoxó e Masakará, embora flutuando com \emptyset em todas elas; pressupõe-se, então, que a fricativa glotal tendia a desaparecer neste contexto, como já teria ocorrido na língua Menien (PK **kehentã* : K1 *göhrntan* : K2 *kehendan* : Mo1 *keandá* : Ko *kihetá*);
- 7) **m*, em início de palavra, foi encontrado somente em um conjunto de palavras (PK **mã* : K1 *tako emang* : Mo1 *man* : K4 *hãmã*, *amã*);
- 8) **n*, em início de palavra, foi encontrado em apenas um conjunto representado pelo Kamakã e variantes do Kotoxó (PK **niniko* ‘nariz’ : K1 **ninikoh* : K3 *ninyko* : K2 *nihigo* : Mo1 *nihiekó* : Ko *niika* : K4 *ninkó* ~ *nüdükô*);
- 9) **n* intervocálico só não ocorre na língua Masakará, alternando com *h* na língua Kamakã e em uma das variantes do Kotoxó – Mongoyó – e com *t* em Menien (PK **niniko* : K1 *ninikoh* : K3 *ninyko* : K2 *nihigo* : Mo1 *nihiekó* : Ko *niika* : K4 *ninkó* ~ *nüdükô*);
- 10) o Masakará é a única língua da família que não apresenta realizações sonoras da oclusiva dental *t*.

Loukotka (1932, p. 498) identifica 24 consoantes nos dados das línguas da família Kamakã, reproduzidas a seguir:

Consoantes

.	h	.	.	.
k	g	.	ng	x	gh	.	.	rr
.	.	s	n	y	.	č	dž	.
t	d	š	ñ	z	.	ts	ds	r (l)
p	(b)	f	m

Vogais

a,	á,	e,	é,	ã,	ä,	ó,	ö,	í,	í,	o,	ó	õ,	u,	ú,	ũ,	ü	ú
----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	---	----	----	----	----	---	---

A comparação permitiu a identificação de 12 fonemas consonantais que integrariam o sistema de consoantes do Proto-Kamakã:

		Labiais	Dentais	Palatais	Velares	Glotais
Oclusivos	su	*p	*t		*k	
	so		*d			
Nasais		*m	*n			
Africados			*ts	*tʃ		
Aproximantes		*w	*r	*j		*h

Foi possível também identificar seis vogais, provavelmente fonêmicas /i, e, ɨ, a, u, o/ e contrapartes nasais de quatro destes /ĩ, ã, ü, õ/:

	Anteriores	Centrais	Posteriores Arredondos
Altos	*i *ĩ	*ɨ	*u *ü
Médios	*e		*o *õ
Baixos		*a *ã	

É provável que a limitação dos dados comparáveis tenha impedido a identificação de outros candidatos a fonemas para o Proto-Kamakã.

3.5 Fundamentação para manter na família lingüística Kamakã a língua Masakarã

O Masakarã, como ilustrado no quadro abaixo, compartilha semelhanças lexicais com o Kamakã, Kotoxó/Mongoyó e Menien, para as quais a explicação mais apropriada é a de que constitui com estas últimas uma mesma família lingüística. Os dados mostram, no entanto, que o Masakarã é uma língua relativamente diferenciada das demais. Contudo as correspondências sonoras em palavras comparáveis com as demais línguas fundamentam a idéia de que o Masakarã diferenciou-se das outras e afastam a possibilidade de que as formas lexicais que encontram correspondentes nas outras línguas tivessem entrado como empréstimos. Algumas indicações em favor de herança comum são o fato de que o Masakarã ora compartilha mais semelhanças com Mongoyó, como em 15 (ver anexo II), ora com Menien, como em 1, 27.

E também há em Masakarã cognatos potenciais em diferentes campos semânticos, sobretudo os de conceitos básicos como elementos da natureza, partes do corpo humano, termos de parentesco e artefato:

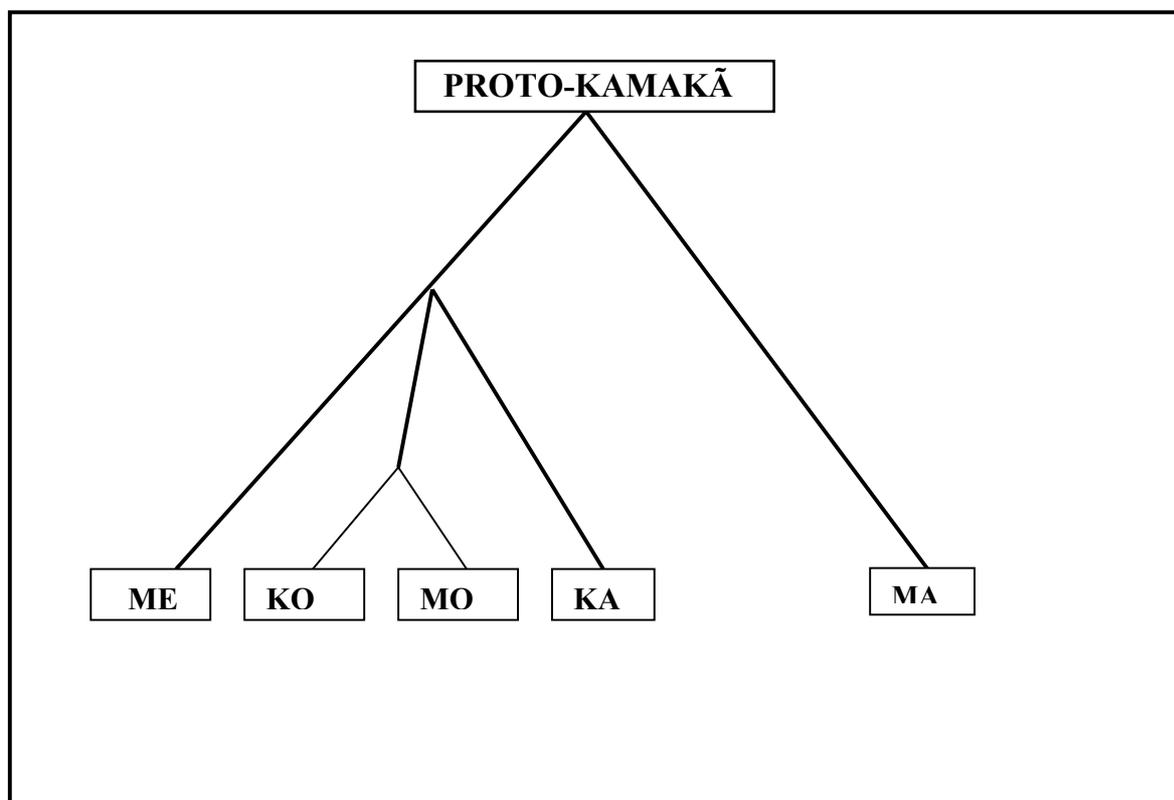
Item lexical	Ma	K1	K2	K3	K4	Me	Ko	Mo
‘água’	<i>tsüe, tsyin</i>	<i>tsã</i>	<i>tsã</i>	-	<i>sã</i>	<i>sĩ</i>	<i>sa</i>	<i>sa</i>
‘arco’	<i>kuminiakang</i>	-	<i>kua-uan</i>	<i>kuhan</i>	<i>wãn, uãn</i>	<i>huán</i>	-	<i>kuan, kuang</i>
‘branco’	<i>ingkuirá</i>	<i>kekoroh</i>	<i>hara</i>	-	-	-	<i>kohoro</i>	<i>inkohéro</i>
‘cabelo’	<i>xöh</i>	<i>aen-köh</i>	<i>kéh</i>	-	<i>rökê</i>	<i>iningé</i>	<i>ké</i>	<i>kä</i>
‘carne’	<i>kohoaya</i>	<i>koa</i>	<i>enkoho-uadia</i>	-	-	-	-	-
‘chuva’	<i>tsü</i>	<i>tsan-ranka</i>	-	-	-	<i>sí</i>	-	<i>tsoraxka</i>
‘dançar’	<i>oekoyuamú</i>	-	-	-	-	-	<i>ekoĩn</i>	<i>ekoin</i>
‘dente’	<i>thüó</i>	<i>ankötxó</i>	-	<i>džu</i>	<i>nãntxô</i>	<i>yo</i>	<i>dió</i>	<i>dió</i>
‘estrela’	<i>pinatsö</i>	<i>piong</i>	-	-	-	<i>pinia</i>	<i>pião</i>	<i>péo</i>

‘mandioca’	<i>kaii</i>	<i>kaš</i>	-	-	-	<i>kayú</i>	-	-
‘negro’	<i>gaxthá</i>	-	<i>kohada</i>	<i>kuadá</i>	-	<i>koatá</i>	-	<i>xodadá</i>
‘olho’	<i>götx</i>	<i>aenkô-to</i>	<i>kedó</i>	<i>ankedo</i>	<i>kôdôh</i>	<i>imgutó</i>	<i>kitho</i>	<i>kedó</i>
‘papagaio’	<i>gará</i>	<i>garahübe</i>	<i>garaye</i>	-	-	-	<i>gangaye</i>	-

Por falta de mais dados para a comparação, consideramos mais prudente conceber o Masakarã como um membro mais diferenciado dentro da família Kamakã do que propor uma família adicional para o tronco Macro-Jê.

3.6 Modelo arbóreo da família Kamakã

Com base nos resultados da análise comparativa, os quais fundamentam uma maior proximidade genética entre o Menien, o Kamakã e o Kotoxó, bem como oferecem importantes indicações de que o Kotoxó e o Mongoyó são variantes dialetais de uma mesma língua, propomos o seguinte modelo arbóreo para a família Kamakã:



CAPÍTULO IV

4 Considerações finais

Apresentamos neste trabalho um estudo histórico-comparativo com o principal objetivo de verificar a consistência da família lingüística Kamakã proposta, em 1932, por Chestmir Loukotka. Acrescentamos aos dados então reunidos por aquele autor uma nova lista de palavras registrada por Guérios (1945), cerca de cem anos depois dos registros utilizados por Loukotka.

Ao reorganizarmos os dados disponíveis com o intuito de estabelecermos as correspondências fonológicas e lexicais entre as línguas comparadas, verificamos que os dados da língua Kamakã coletados pelos diferentes estudiosos referem-se a uma única língua. Por outro lado, constatamos que o que havia sido tratado anteriormente como duas línguas – Kotoxó e Mongoyó – trata-se, na verdade, de variantes de uma mesma língua, que neste estudo foi chamada de Kotoxó.

O número reduzido de dados comparáveis permitiu poucas propostas de reconstrução de itens lexicais para o Proto-Kamakã.

Com relação à língua Masakará, demonstramos que ela é realmente um membro da família lingüística Kamakã, no entanto, mais diferenciada das demais línguas que compõem esta família, fato que se correlaciona com a sua posição geográfica destacada mais ao norte.

Este estudo nos possibilitou consolidar a proposta de uma família lingüística Kamakã, formada agora por quatro línguas – Kamakã, Kotoxó, Menien e Masakará.

Espera-se que este estudo represente uma contribuição para o melhor conhecimento do tronco lingüístico Macro-Jê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, L. *Historical Linguistics*. Edinburgh University Press, 1998.

GUÉRIOS, R.F. M. *Estudos sobre a língua camacã*. Curitiba: Empresa gráfica paranaense Ltda, 1945.

HOCK, H. H. *Principles of historical linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

KAUFMAN, T. Language History in south of America: what we know and how to know more. In: Payne, D. L. (org.). *Amazonian Linguistics – studies in lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990, pp. 13-73.

LOUKOTKA, Chestmir. La familia Kamakan del Brasil. In *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, tomo II, 1932, pp 493-524.

MASON, John Alden. The languages of South American Indians. In: Julian H. Steward (Ed.), *Handbook of South American Indians*, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, vol. 6, pp. 157-317, Washington, D.C. 1950.

MÉTRAUX, A. and Nimuendajú. C. The Maxacalí, Patashó, and Malalí linguistic families. In: J. H. Steward (org.), *Handbook of South American Indians*, vol. 6, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington, D. C., 1946, pp. 541-545.

NEUWIED, Maximiliano Príncipe de Wied. *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar Süsskind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Companhia Editora Nacional. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre, 1940.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____, Macro-Jê. In: R.M.W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (orgs.), *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999 pp. 164-206.

_____, “Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê. In: L. dos Santos e I. Pontes (orgs.), *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Ed UEL, 2002.

THOMASON, Sarah G.; KAUFMAN Terrence. *Language Contact, creolization and genetic linguistics*. Los Angeles: University of California Press, 1988.

ANEXOS

ANEXO I

Estudos da família lingüística Kamakã realizados por Chestmir Loukotka (1932)

A família Kamakã é constituída por cinco línguas: Kamakã, Mongoyó, Menien, Kotoxó e Masakarã.

Lista das fontes bibliográficas para cada idioma da família Kamakã:

- K1 – Kamakã (Martius)
- K2 – Kamakã (Douville)
- K3 – Kamakã (De Sá Oliveira)
- Mo1 – Mongoyó (Wied)
- Mo2 – Mongoyó (Etienne)
- Me – Menien (Wied)
- Ma – Masakarã (Martius)
- Ko – Kotošo (Martius)

Vocabulário comparativo

‘contas, miçangas’ ‘tenho contas’	K2: kakers K2: uñio kakers
‘abelha’	Ma: kuunü
‘avô’	K1: gköong Ko: gitiakoe Ma: Küania
‘azedo, ácido’	K1: kešake dokó
‘água’	K1: zan K2: d’san Mo1: sa Me: sin Ko: sa Ma: tzüe, tzyin
‘aguardente’	K1: zan kiahay Mo2: kaui Ko: šikaka-kati
‘buraco’	Mo1: aekó
‘cutia’	K1: hohiong Mo1: hohiõn Me: onšó
‘ar’	Mo1: anxoro
‘algodão’	K2: ets-kié
‘alimento’	K2: inša, demeša
‘almoçar’	K2: ašedia
‘preparar o almoço’	K2: ašedia an

‘está almoçando’	K2: demeša há
‘comer um pescado’	K2: ašedio o uén
‘alto’	K2: yeyé Me: inšé Mo1: hoiniá Ko: hoinia
‘amigo’	K1: kotakrö Ko: gamakin Ma: čiaüú, čübăxiro
‘largo, amplo’	K1: yüani Ma: tzürogzö
‘nós vamos’	K1: kignemam
‘andar’	K1: emang Mo1: măn
‘vá buscar água’	K2: sá mané Mo1: ihana
‘vá!’	K2: madan!
‘venha aqui’	K2: ni, do eroni Me: ní
‘vá lá!’	Ka: man
‘vamos!’	Me: niamú
‘andar rápido’	Me: ni (ver: venha aqui!)
‘anta (<i>Tapirus americanus</i>)’	K1: heriro (masc.) herira (fem.) K2: heré Mo1: herä Ko: here Me: eré Ma: krazo
‘anzol’	Mo1: kediahaye
‘emparelhar’	Ma: arani
‘preá (<i>cavia supestris</i>)’	K1: hoké Ma: póike
‘arara (<i>Macrocercus macao</i>)’	K1: šokio, šoke K2: šoké Ko: šoke, nirrăó Mo1: čokă
‘a arara grita’	Ka: šoké kui-guié
‘árvore’	K1: hui Me: hi Mo1: hauue Ko: sahié Ma: pün
‘arco’	K2: kan-uan K3: kuhan Mo1: kuăn Mo2: kuang

	Me: kuán Ma: kumniäkang
‘arco-íris’	K1: gahorá Ma: thagoabgodé
‘areia’	Mol: aedéengarané (T?) Me: ae
‘aresta de milho’	K2: kedio = milho
‘arrancar’	Ko: kohlyua (P)
‘para cima’	Mol: hoéxoá
‘arroz’	Ma: piña, pingnio
‘assar’	K1: ikiehaší Ma: xhamani (v. comer)
‘avestruz (<i>Rhea americana</i>)’	Ma: taungá, tauná
‘dançar’	Mol: ekoin Ko: ekoĩn Ma: oekoyuamú
‘banana’	K1: tako K2: doko, da-ho K3: dakó Ko: tayo Me: inkrú
‘barba’	K1: guangé Me: yogé Ma: thüó-gthö
‘barbicha’	Mol: nixkaran
‘bastante’	K1: koikí
‘batatas’	K2: on-ki
‘bater ou explorar local’	K1: inghinuhi Ma: intauüingning
‘beber’	K1: zanka, inka K2: d’sanka Ma: niameng mung kamú
‘bebida’	K2: dokodé, kode
‘bebida de milho’	K2: dokodé-kadioké Ko: inkeyuá
‘bebida de melão’	K2: mediké-kodé-undiké
‘bebida de batatas’	K2: kopunšené
‘belo’	K1: šiohó, šioyé Mol: šohó Ko: šohó Me: ingóte Ma: oxhuangöikro
‘bem, estar bem’	K2: ka-ki
‘(uma) branca’	K2: iñia hara
‘branco’	K1: kekorró Mol: inkohéro

	Ko: kohoro Ma: ingkuirá K2: hara
‘um branco’	K2: kuahi Mol: hoá-i Ma: garé Ko: hunikoró Me: pai (T)
‘boca’	K1: aenkö-tsioká K3: dinarikó Mol: häräko Ko: häräko Me: iniatagó Ma: txiatta
‘bolsa de corda’	K2: déké dan = (bolsa pequena)
‘bolso’	K2: deké
‘outro bolso’	K2: on kié ka uaš
‘borboleta’	Ko: yakviré (T)
‘botocudo’	Mol: kuanikoxiä
‘braço’	K1: guagäni uma K3: ñinám Mol: nixũá Ko: niohán Me: ighia Ma: kümghüáng
‘breve, curto’	K1: ukrianang Ko: krinahata Ma: ačigero
‘bom’	K1: šitsohö Ko: koiki Mol: koikí
‘cavalo’	Mol: kavaró (P) Ma: kaboro (P)
‘buscar água’	K1: zan guni
‘cabelo’	K1: aen-köh K2: kéh Ko: ké Mol: kä Ma: xöh Me: iningé
‘cabeça’	K1: hérró K2: hero K3: aurú Mol: hero Ko: heró Me: inro

	Ma: axaró
‘cadeira’	Mo1: kadse
‘cair’	Mo1: kogeraxká Ko: kogeraxká Ma: intangniamú, airiní
‘caixa grande’	K2: duako ye
‘cabaça’	K2: kó-pá Ma: kox-hoa, hu-hoa, grützüö
‘não tem mais cabaça’	K2: kó-pá ho
‘cabaça para beber’	K1: keyakó K2: kedia-i-ko, keriko Mo1: keräxká Mo2: kekhié Ko: keräka Ma: krö
‘calar, faça calar os filhos’	K2: yatz kuren
‘calor’	K1: grangká Mo1: šahadió Me: aniungú
‘calças’	K2: dzra-da-ka
‘camaleão’	Ma: hoökghuá
‘camby (animal)’	Me: anyú Ma: hü, ütöz, züghoe, hiüsé
‘caminho’	Mo1: hüá Mo2: hia Me: sá
‘camisa’	K2: kedia ka ude
‘campanha de unhas de anta’	Mo2: herenohodioka
‘canoa’	K3: kanoaka (P) Mo1: hoi-naka Ko: hoinaka
‘cantar’	K1: minghiá Mo1: hekenake-kuexká Ma: aggreamú
‘cana de açúcar’	K2: keé-ka Ma: adsukri (P)
‘cará’ (<i>Acara nassa</i>)	Ma: gozho
‘cará’ (<i>Dioscorea sp.</i>)	K2: da-ko-ko
‘carí’ (<i>Locaria plecostomus</i>)	Ma: tata
‘carne’	K1: koa K2: enkoho-uadia Ma: kohoaya Me: kioná
‘capivara’	K1: ikuhü Ma: kuy

‘casa’	K1: töá K3: déha, diha, dhá Mo1: dea Ko: tuáh Me: tuvua Ma: pá
‘minha casa’	Oköá töá
‘sua casa’	K1: kook kiú (?)
‘casa pequena’	K2: deha-karadan
‘casa grande’	K2: deha-danho
‘muitas casas’	K1: töá-hi
‘caçar’	K1: toemaung Ma: hnamai aü küamú
‘celebrar a missa’	K1: kignemi satoí
‘celibatário, solteiro’	K1: geiečeni-ho
‘cinza’	Mo1: aexkia
‘cera’	K2: í-ui Mo1: hioi
‘perto’	K1: stsiami
‘cesto’	K2: goaka
‘cesto pequeno’	K2: goaka karadan
‘cesto grande’	K2: goaka danho
‘pequeno, menino’	K2: karadan, dan Mo1: krahado Me: intán
‘céu’	K1: tuiče K2: diguia
‘cervo, veado (<i>Cervus campestris</i>)’	Mo1: hénä Ko: henä Ma: gotzo, gozhu
‘cervo, veado (<i>Mazama simplicornis</i>)’	K1: harinkorá, harinčoará Ko: haringuára
‘coati’	K1: pitakó, pitaikioh Ko: pitakó
‘cozinhar’	K1: ašikiá Ma: muini
‘crocodilo, jacaré’	K1: uhie Me: ué
‘vermelho’	K1: huenixitó Mo1: kohīné Ko: hüró Ma: hingürá
‘comer’	K1: giniong-koa-tankri Mo1: niu-kuá Me: yukuá Ko: niukuá

‘não quero comer’	K2: iño ka hero
‘vai comer’	K2: ka-nioka hario
‘não comi’	K2: kenio-ka ho
‘eu ainda não comi’	K2: ha kenio ka ho
‘comer peixe’	K3: ñuam kuhá
‘comeu?’	K2: ia nanio ka?
‘a comida ainda não está’	K2: inša pö
‘a comida está pronta’	K2: inša hao
‘a comida estará pronta logo’	K2: inša pö dani karo ho
‘coração’	Me: nitoši
‘corda’	K2: otzé
‘tenho uma corda’	K2: uñio kurié otzé
‘correr’	Mo1: nianí
‘coisa’	K2: an
‘crescer’	Mo1: imaišthané
‘faca’	K1: ghayahadó Mo1: kedia-adó K2: ked-ia Me: keayo Ma: čiaétá Ko: kihlihata
‘faca com ponta’	K2: kedia kené
‘faca grande’	K1: ekešahö K2: kedžia
‘colher’	K2: gui-ika
‘colher de prata’	K2: kihaniera koroyé guio-ika
‘pescoço’	K1: guan kakó Mo1: ninxedió Me: inkió Ma: thüngkó
‘corpo’	K1: šaható Ma: kottó Ko: huy
‘cobra cascavel’	Ko: tikaihe
‘curimatã (<i>Prochilodus</i>)’	Ma: mnimang, inamá
‘dê-me um pescado’	K2: ligoruma ho-uan
‘dê-me água’	K2: utzan mane ainti ka K3: xkan kuhá
‘dedo’	K1: guangäni čó K3: nindžú Ko: nihitiokrin Ma: kumbüö
‘dedo indicador’	Mo1: inhindio
‘dedo médio’	Mo1: naiaxhiä
‘dedo anular’	Mo1: ndiaenó

‘dedo mínimo’	Mol: ndioegrá
‘dedo do pé’	K1: guang uati K3: haúan
‘dentro’	Ma: pakó
‘dia’	K1: ánri (T) Mo1: ari (T) Ma: zoirí Ko: hetiošama
‘diabo’	K1: ší-hiá Ko: gorrhü Ma: agtsiaggerö
‘dente’	K1: ankö txó K3: džü Mo1: dió Ko: dió Me: yo Ma: thüó
‘dinheiro de ouro’	K2: kihaniera-dé
‘deus’	Mo2: gegidhora Ko: githiao
‘dor’	Ma: huing
‘dormir’	K1: montong K2: hondong K3: humhum Me: yundun Mo1: hakene-hodoxkó
‘durma’	K2: hahañia hodo
‘ele dorme’	K3: humhum dhon
‘quero dormir com minha mulher’	K1: gerök šö ara hamaxhang hondong
‘tenho sono’	K2: hadoko, ha hadoho
‘eclesiástico’	K1: roketó (P) Ma: ampari
‘cílios’	Ma: tziuzari
‘escopeta’	Mol: kiakó
‘cuspir’	K1: ningkaö Ma: mungkianí
‘espesso, grosso’	K1: yoghi Ma: hiangzö
‘espinho’	Mo1: hohiä Me: inšá
‘esposa’	Ko: hiägra, mü-ahiagrá
‘espera’	K2: eroka
‘estrela’	K1: piong Me: pinia Mo1: péo Ko: pião

	Ma: pinatzö
‘estojo peniano’	Mo2: kūra-nayka
‘feio’	K1: šihioík, šiohö Me: saú Ma: imboitzning
‘flecha’	Mol: hoãý Me: hayn Mo2: hoag Ko: hoag, huún
‘flecha com ponta de bambu’	Mol: kneniänä
‘flecha com ponta dentada’	Mol: hoahñä
‘flecha para caçar pássaros’	Mol: huangrä
‘flor’	Mol: huänhindó
‘feijão’	K2: kuñia Mol: keñá Ko: giñá Ma: kunung
‘testa’	K1: akü Mol: aké Ma: kü
‘frio’	Mol: šahadion
‘fruta’	Mol: keränä
‘fogo’	K1: tiakö, hiöghkö K2: yaké K3: diakö Mol: diaxke Ko: tiakíl Ma: guxá, hugha Me: yarú
‘fonte’	K1: guang-ganí
‘galinha’	Me: sašá
‘galo’	K1: šakika Ma: rhgigkün, šyigkin
‘gato’	K1: guhuna, kuöhong Me: intan
‘jenipapo’	Mol: katua
‘gente’	Me: tuyí Ma: ang-gagkang
‘grande’	K1: taungóhó K2: danho Ko: irö-oro Mol: iró-oró
‘muito grande’	K2: danhohó
‘cinza’	Ko: getakalim
‘falar’	K1: šakrí-moni Mol: šakréro

‘fazer’	K2: an, ye
‘fazer fogo’	K2: yaké ye
‘machado’	K2: keke-do Mo1: yakédoxkó Ko: yakédoxkó
‘maca, rede’	K2: oné
‘fome’	K2: héré Ma: aming
‘está muito faminto’	K2: héré kedié ui kaní
‘farinha’	K1: kahačieihí K2: kahagué Ko: kítxí rí Ma: eiya
‘ferida’	Mo1: andöhüí
‘irmã’	K1: yakrahadá K2: d’žakaradan Ko: šakrata Mo1: ixedorá
‘irmão’	K1: keyak guanang K1: kerki-keradan Mo1: kiaxhoadān Ko: xiton Me: ató Ma: thiagtkoa
‘filha’	K1: kraning K2: karani Mo1: kiaxrará Ko: kiaxkrará Ma: thzigtkrá
‘filho’	K1: kraning K2: kani Mo1: kediégéré Ko: getiekrá Ma: kügkrá Me: kamayo
‘filho grande’	K2: kainer
‘fio, fibra’	Mo1: hueraxkaxká Ko: hueraxkaxká
‘fio, fibra de algodão’	K2: etze-uan
‘Folha’	K1: erré Mo1: ere
‘folhas de coco’	K2: kodé
‘homem’	Mo1: hiyemá Mo2: hoyema Me: kahé Ma: ingniú

‘ombro’	K3: ninkam
‘hoje’	K1: theoná Me: ínu Ma: zoiirä
‘ovo’	Me: sakré
‘fugir’	K1: mainšepá
‘furacão’	K2: yakea hede iski
‘imbu (<i>Spondias tuberosa</i>)’	Ma: zigö
‘imbuzeiro’	Ma: zigö-ku
‘índio’	Ma: agkušuo ayio
‘ipecacuanha’	K2: ka-yatzé
‘ilha’	Mol: kahoi
‘jacutinga’	Mol: šanensü
‘jovem’	Mol: krenän
‘juazeiro’	Ma: ambi
‘lábio’	K3: diuká
‘lagartixa’	Ma: máro
‘longo, comprido’	K1: iroro Ko: nirrorho Ma: ačirogzö Me: inšé
‘lavar’	K1: ohorong Ma: axar-namú Mol: hakenähäroaxhá K2: kanruni
‘lava a panela’	K2: nan kanruni
‘lava um menino’	K2: d’sandi-gio
‘lava a neta’	K2: karani d’sani gio
‘Lavar os viveiros’	K2: du kanruni
‘leite’	Me: anyú
‘língua’	K1: anakö čiale Mol: diakherä K3: dihari Ma: kunguring
‘lenha’	K2: on-ui-da (madeira)
‘lua’	K1: häthie Mol: hädiä Ko: hidié K3: dihé Me: yé K2: egisé Ma: gaxang
‘luz’	Mol: ixke
‘chamar’	K1: niangko-é Ma: aggungčiamu
‘chuva’	K1: zan-ranka

	Mol: tsoraxka Me: sí Ma: tzü
‘facão’	K2: kedžia kartzé
‘macuco (<i>Trachypelmus brasiliensis</i>)’	K2: toié
‘madeira’	Mol: hoindá Me: hĩntá
‘madeira do Brasil’	K2: unkédiera
‘mãe’	K1: dözöda, totsöntan Ko: tizil Ma: šoö
‘magro’	K1: kobbi Ma: inkangrá
‘milho’	K2: kedió Ko: kethió Mol: kešo Me: kšó K1: hikamhi Ma: mutgkú
‘mal’	K3: aboño
‘queixada de anta’	K2: heré héro
‘mandioca’	K1: kaš Me: kayú Ma: kaü, kaxu
‘mão’	K1: nighör K2: niker Mol: ninkre Me: inkrú Ko: nihitió M3: ninkas Ma: kümbüó
‘a manhã’	K1: higiohó, hegionö Ko: hidione
‘amanhã’	K2: theruag Ma: zoü arü
‘mar’	K1: zan hié Mol: sõnhä
‘marido’	K1: geičeni Ko: hiyemá
‘martelo’	K2: ked-ia-íro
‘mastigar’	Me: imbró
‘matar’	Mol: hendexedau
‘meio dia’	K1: zotsho ronikona
‘bochecha’	Mol: diahayä
‘mentira’	K1: guaiooningki Mol: nexionän

‘mentiroso’	K1: yoghü
‘misturar’	K1: yak Ma: ayax kumung
‘mel’	Ma: khuúng
‘enxaqueca’	Ma: aroiú-huing
‘meu’	K1: akoä Ko: mü Ma: ingniung
‘macaco’	Mo1: kaun Me: kaun Ko: káo
‘macaco guinchador’	Ko: hiké
‘macaco grande’	K2: ai-meriki
‘morrer’	Mo1: endiänä Me: yuní Ma: hianghoní
‘moço’	K1: nihiettang Ma: uihnzänü K2: hadi kera
‘moça’	K1: nihirangua K2: karani K3: karankódžo, kanin Ko: nihietá Ma: ínta hiuötxió
‘menina de 10 anos’	K2: iñera kañani
‘moça linda’	K2: hia kera šioko
‘rapaz’	K2: kani, hadi kera
‘menino pequeno’	K2: kadié keradan
‘da parte da mulher’	K2: kani keradan
‘menino de 10 anos’	K2: yakoé
‘muito’	K1: hi K2: hi-yé-ie Ko: hiehie Mo1: eühiä-hiä Ma: pautzö eroang
‘mudo’	K1: šakrí-ho
‘morto’	Mo: endiene Me: ša-úya Ma: honí
‘mulher’	K1: šö Me: ašun Mo1: kroxediorá Ma: ínta
‘mulato’	Mo1: kadiaxká Ko: küakakaketira
‘coxa’	K1: guaeng gešuru, guaeng getsu

	K3: akatsa Me: aší Ko: zé Ma: küngiring
‘mutum (<i>Crax alector</i>)’	Mol: šaxedá
‘nada’	Mol: hačhoho
‘nadar’	M1: sandedá
‘nariz’	K1: ninikó K2: nihigo K3: ninyiko Mol: nihiekó Ko: niika Me: inšivo Ma: txüxgo
‘navalha de barbear’	K2: kindia
‘negativo’	K2: ho
‘negra’	Ma: gaxta-tózo
‘negro (homem)’	K2: kohada Mol: xodadá K3: kuadá Me: koatá Ma: gaxthá
‘preto’	Mol: koaxedá Me: kuatá Ko: tá Ma: oeixtá
‘neta’	K2: hadia kera
‘menino’	K1: guaning Mol: koinin Me: kanain Ma: íngabix Ko: karetyú
‘não’	K1: ho K2: ho Mol: moší Ko: maši
‘não é bom’	Me: saú (feio)
‘este não é’	K2: ya-ho
‘noite’	Mol: huerá Me: utá Ma: ambüx Ko: kuakotín
‘ocupar’	K2: danko deré
‘ouvir’	Ma: xighkó
‘olho’	K1: aenkö-tó K2: kedó

	K3: ankedo Mo1: kedó Ko: kitho Ma: göxtx Me: imgutó
‘olfato’	Ma: ihaika
‘panela’	K2: nan, na
‘umbigo’	K1: guaeng ka Ko: nioha Ma: txiungá
‘onça (<i>Felis onça</i>)	K1: yakoe dere K2: d’ žiake ilié Mo1: yaké deré, kuixoá dān Ma: yakreö, yakré Ko: tiuké-hié Me: küpohen
‘onça (<i>Felis pardalis</i>)	K2: kui hua Mo1: kuixuá Ko: küpohen
‘onça negra’	K2: d’zia keyéda Mo1: yaké-küä K1: yakvehiö
‘orelha’	K1: aenköni koka K2: nikóka K3: ninkoká Ko: niko Mo1: niikó Me: inkoga Ma: xüexgó
‘escuro’	K1: kloada
‘osso’	Mo1: täxketsé Ma: ingyé
‘tamanduá’	Mo1: perá Ma: phä, pé
‘tamanduá pequeno’	Mo1: fedará
‘paca’	Mo1: kávü
‘pai’	K1: göhrntan K2: kehendan Mo1: keandá Ma: ghüiugniang Ko: kihetä
‘pássaro’	K1: šano, šunong Mo2: šano Mo1: šaná Me: satá Ma: zakru, zayro

‘palma buri’	K1: šekorró
‘palma batioba’	K1: arroš
‘panturrilha’	K1: guang gathié
‘papagaio’	K1: garahübe K2: karaye Ma: gará Ko: gangaye
‘mamão’	K2: uan kesrié
‘papel’	K2: dan-ko-deré

ANEXO II

Análise comparativa do vocabulário das línguas que pertencem à família Kamakã

Lista das fontes bibliográficas para cada idioma da família Kamakã:

- K1 – Kamakã (Martius)
- K2 – Kamakã (Douville)
- K3 – Kamakã (De Sá Oliveira)
- Mo1 – Mongoyó (Wied)
- Mo2 – Mongoyó (Etienne)
- Me – Menien (Wied)
- Ma – Masakará (Martius)
- Ko – Kotošo (Martius)
- K4 – Kamakã (Guérios)

Nesta lista, foram feitas alterações em algumas palavras encontradas no trabalho de Loukotka (1932), pois a escrita delas divergem do material coletado por Martius e Wied.

1			‘água’
	K1	tsã	
	K2	tsã	
	Mo1	sa	
	ko	sã	
	Me	sĩ	
	K4	sã	
	Ma	tsüe, tsyin	

2 ^a			‘alto’
	K2	yeyé	
	Me	inšé	
	K4	iúmai-iê	
2b	Mo1	hoiniá	
	Ko	hoinia	

3			‘andar’
	K1	tako emang	
	Mo1	mã	
	K4	hãmã, amã	

4 ^a			‘anta’
	K1	heriro, herira	
4b	K2	heré	
	Mo1	herã	
	Ko	here	
	Me	eré	
	K4	rê	
	Ma	krazo	

5			‘arara’
	K1	šoke, šokiöh	
	K2	šoké	
	Ko	šoke, nirrãoh	
	Mo1	čokã	
	K4	šanã	

6			‘areia’
	Mo1	aedãengaranã	
	Me	ae	
	K4	kãmikô	

7			‘arco’
	K2	kua –uan	
	K3	kuhan	
	Mo1	kuã	
	Mo2	kuang	
	Me	huã	
	K4	wãn, uãn	
	Ma	kumniäkang	

8			‘árvore’
	K1	hui	
	Me	hí	
	Mo1	hauué	
	Ko	šahié	
	K4	kàxki	
	Ma	ping	

9			‘banana’
	K1	tako	
	K3	dakó	
	K2	doko, da – ho	
	Ko	taio	
	K4	dakó	
	Me	inkrú	

10			‘barba’
	K1	guangěh	
	Me	yogé	
	K4	rôkê	
	Ma	thüóhghöh	

11			‘beber’
	K1	tsanka, inka	
	K2	tsanka	
	K4	hingrín	
	Ma	niameng mung kamú	

12			‘belo’
	K1	šiohoh, šioijeh	
	Mo1	šohó	
	Ko	šohó	
	K4	šohôdã	
	Me	ingote	
	Ma	oxhuangöikro	

13			‘boca’
	K1	aenköh-teiokáh	
	K3	dinarikó	
	Mo1	häräko	
	Ko	häräko	
	K4	ni-dikôbá	
	Me	jniatagó	
	Ma	txiatta	

14			‘bom’
	Ko	koiki	
	Mo1	koikí	
	K4	šôhôdã	
	K1	šits(o)köh	

15			‘branco’
	K1	keköröh	
	Ko	kohoro	
	Mo1	inkohéro	
	K2	hara	
	Ma	ingkuirá	

16			‘cabaça p/ beber’
	K2	kó-pá	
	K4	nānká	
	Ma	kox-hoa, hu-hoa, grützüö	

17			‘cabeça’
	K1	héro?	
	K2	hero	
	Mo1	hero	
	Ko	heró	
	K3	aúrú	
	Me	inro	
	K4	monkohái, munkohái, môkôhái	
	Ma	axaró?	

18			‘cabelo’
	K1	A(e)n- kô?	
	K2	kéh	
	ko	ké	
	Mo1	kä	
	Me	iningé	
	K4	rôkê	
	Ma	xô?	

19			‘cair’
	Mo1	kogeraxkä	
	Ko	kogeraxká	
	K4	kitxêi	
	Ma	zioini	

20			‘caminho’
	Mo1	hyá	
	Mo2	hia	
	Me	šá	
	K4	mănkôi	

21			‘canao’
	K3	kanoaka (P)	
	Mo1	hoinaká	
	Ko	hoinaká	
	K4	kanáká	

22			‘carne’
	K1	kõa	
	K2	en koho-uadia	
	Ma	kõhõaija	
	Me	kioná	
	K4	tôpá, rinh-ró	

23			‘casa’
	K1	tõa?	
	Ko	tuáh	
	Me	tuvua	
	K3	dihá, dehá, dhá	
	K4	södá	
	Mol	dea	
	Ma	pá	

24			‘cavalo’
	Mol	kavaró (P)	
	Ma	kaboro (P)	
	K4	kawarú	

25			‘cera’
	K2	í-ui	
	Mol	hioí	

26			‘cervo, veado’
	Mol	hénä	
	Ko	henä	
	Ma	gotzo, gozhu	

27			‘chuva’
	K1	tsã-rãka	
	Mol	tsoraxka	
	Me	sí	

	K4	sân-kôré	
	Ma	tsü	

28			‘coati’
	K1	pitako?, pitaikio?	
	Ko	pitakó	

29			‘comer’
	Ko	niukuá	
	Mo1	niukuá	
	Me	ijkuá	
	K4	hingrín	
	K1	giniong-kos-tankri	

30			‘jacaré’
	K1	uhie	
	Me	ué	

31			‘cutia’
	K1	hohiong	
	Mo1	hohiõ	
	Me	onšó	

32			‘dançar’
	Mo1	Ekoin	
	Ko	ekoĩ	
	Ma	oekoyuamú	

33			‘dente’
	K1	ankõtxo?	
	K3	džu	
	Mo1	dió	
	Ko	dió	
	Me	jo	

	K4	nāntxô	
	Ma	thüo?	

34			‘dia’
	K1	aʔnri	
	Mo1	ari	
	Ma	zoiri?	
	K4	yóçö, iôçö	
	Ko	hetiošama	

35			‘dormir’
	K1	montong	
	K2	hondong	
	Me	jundun	
	K4	hôndó, hórdón	
	K3	humhum	
	Mo1	hakegnehodokó	

36			‘estrela’
	K1	pióng	
	Ko	pião	
	Mo1	péo	
	Me	pinia	
	K4	tuêdân, tuêdã	
	Ma	p i n a t z ö	

37			‘faca, facão’
	Mo1	kediahado	
	K2	ked-ia	
	Me	keaio	
	K1	ghajahadó?	
	K4	kitxákrê	
	Ko	kihliahata	
	Ma	čiahtá	

38			‘falar’
	K1	šakri? moni	
	Mo1	šakréré	
	K4	H(a)kimé-hau	

39			‘feijão’
	K2	kuñia	
	Mo1	kegná	
	Ko	genja	
	K4	óitá	
	Ma	kunung	

40 ^a			‘filha’
	K1	Krani(n)g	
	K2	karani	
	K4	koá-nin	
40b	Mo1	kiaxrará	
	Ko	kiaxrará	
	Ma	thzigtkrá	

41 ^a			‘filho’
	Mo1	kedigrá	
	Ko	Getiekrá, kediákrá	
41b	K1	kraning	
	K2	kani	
	K4	koá-nin	
	Me	kamajo	
	Ma	kügkrá	

42			‘fio, fibra’
	Mo1	hueraxkaxká	
	Ko	hueraxkaxká	

43			‘flecha’
	Mo1	hoay	
	Mo2	hoag	
	Ko	hoag, huún	
	Me	hain	
	K4	wân	

44			‘fogo’
	K1	tiākō?, hiöghkō?	
	K3	diakō	
	Mo1	diaxke	
	Ko	tiakí?	
	K4	txaköü, txaköu	
	K2	yaké	
	Me	Jarú(i)	
	Ma	guxá?, hugha	

45			‘folha’
	K1	eré?	
	Mo1	ere	

46 ^a			‘grande’
	Ko	irö-oro	
	Mo1	iró -oró	
46b	K1	taungóho?	
	K2	danho	
	K4	iê	

47			‘homem’
	Mo1	hiemá	
	Mo2	hoyema	
	Me	kahé	
	K4	kitxaká, kitxiaká	
	Ma	ingniu?	

48			‘irmã’
	K1	jakrahadá, sakraatan	
	K2	džakaradan	
	Ko	šakrata	‘tia’
	K4	kwônsi-aklára	
	Mol	ixedorá	

49			‘irmão’
	K1	kejakguanang	
	K1	kerk i-keradan	
	Mol	kiaxhoadã	
	Ko	xiton	
	Me	ató	
	K4	kwônsi	
	Ma	thiagtkoa	

50			‘longo, comprido’
	K1	iroro	
	Ko	nirorho	
	K4	hin-rôrô-dân	
	Ma	ačirogzö	
	Me	inšé	

51			‘lua’
	K1	hãthie	
	Mol	hãdiã	
	Ko	hidié	
	K3	dihé	
	Me	jé	
	K4	tuê	
	K2	egisé	
	Ma	gaxang	

52			‘macaco’
	Mol	kaun	
	Me	kaun	

	Ko	kâo	
	K4	kân	

53			‘machado’
	Mo1	jakédoxkó	
	Ko	jakédoxkó	
	K2	keke-do	

54			‘madeira’
	Mo1	hoindá	
	Me	hintá	

55			‘mandioca’
	Me	kayú / kaiú	
	Ma	kaü, kaxu?, kaxü	
	K1	kaš	

56			‘manhã’
	K1	hegionö, higiohó	
	Ko	hidione	

57			‘mão’
	K1	guangähui kreši nighör	
	K2	niker	
	Mo1	ninkre	
	Me	inkrú	
	Ko	nihitió	
	K4	nênkíxk, uwadêra	
	M3	ninkas	
	Ma	kümbüo?	

58			‘mar’
	K1	tsan–hieʔ	
	Mol	sonhiä	

59			‘menino, criança’
	Mol	koinin	
	Me	kanaiu	
	K1	guaning	
	Ko	karetyú	
	Ma	íngabix	

60			‘milho’
	K2	kedió	
	Ko	kethió	
	Mol	kešo	
	Me	kšó	
	K4	šankrára	
	K1	kikamhi	
	Ma	mutgkú	

61 ^a			‘moça’
	K2	karani	
	K3	karankódžo	
61b	K1	nihirangua	
	Ko	nihietá	
	Ma	ihnta hiuōtxió	

62			‘muito’
	K1	hi	
	K2	hi-yé-ie	
	Ko	hie hie	
	Mol	eühiähiä	
	K4	iê, yê	
	Ma	pautzöʔ eroang	

63 ^a			‘nãõ’
	K1	ho	
	K2	ho	
63b	Mo1	moši	
	Ko	maši	

64			‘nariz’
	K1	aenkõ? niniko?	
	K3	ninyko	
	K2	nihigo	
	Mo1	nihiekó	
	Ko	niika	
	K4	ninkó, nüdükô	
	Me	inšivo	
	Ma	txüxgo	

65			‘preto’
	Mo1	koaxedá	
	Me	kuatá	
	K4	kuadá	
	Ko	ta?	
	Ma	oeixta?	

66			‘negro’
	K2	kohada	
	K3	kuadá	
	Me	koatá	
	Mo1	khohadá	
	Ma	gaxthátotso	

67			‘olho’
	K1	aenkõ?–to?	
	K4	kôdôh	
	K2	kedó	
	Mo1	kedó	
	K3	ankedo	
	Ko	kitho	
	Me	imgutó	

	Ma	götx	

68			‘onça (<i>Felis onça</i>)’
	K1	jake–dere	
	Mo1	yaké–deré	
	K2	d’ziake–ilié	
	Ko	tiuké -hié	
	K4	txakêiê	
	Me	kakiamú	
	Ma	yakreö, yakré	

69			‘onça (<i>Felis pardalis</i>)’
	K2	kui–hua	
	Mo1	Jaké–hyä	
	Ko	kypohen	

70			‘orelha’
	K1	aenköni–koka	
	K2	nikóka	
	K4	nikôka	
	K3	ninkóka	
	Me	inkogá	
	Ko	niko	
	Mo1	nixkó	
	Ma	xüexgó	

71			‘pai’
	K1	göhrntan	
	K2	kehendan	
	Mo1	keandá	
	Ko	kihetá	
	Ma	ghüiugniang	

72			‘papagaio’
	K1	garahübe	
	K2	karaye	
	Ko	gangaye	
	Ma	gará	

73			‘pássaro’
	K1	šano, šunong	
	Mo2	šano	
	Mo1	šana	
	Me	satá	
	K4	xanã	
	Ma	tsakru, tsayro	

74			‘pequeno, menino’
	K2	karadan, dan	
	Mo1	krahado	
	K4	kráitxôdã	
	Me	intan	

75			‘pescoço’
	Mo1	ninkhedió	
	Me	inkió	
	K1	guan kakó	
	Ma	thüngko?	

76			‘preá’
	K1	hoké	
	Ma	póike	

77			‘testa’
	K1	akü?	
	Mo1	aké	
	Ma	kü?	

78			‘vermelho’
	K1	huenixito?	
	Ko	hyro?	
	K4	koro	
	Mo1	Kohirá	
	Ma	hingürá	

ANEXO III

Vocabulário Kamakã de Mansur Guérios (1944), informante Manuel Aratimbó, com os dados organizados em campos semânticos.

A. Parentesco e outros designativos humanos:

Português	Kamakã
1. ‘amigo’	ruçuá
2. ‘avô, avó’	extá
3. ‘filha’	koá-nin
4. ‘filho’	koá-nin
4.1 ‘filhos’	koaní-iê
5. ‘fêmea’	aklara
6. ‘gente’	kitxaká
7. ‘homem’	kitxaká, kitxiaká
8. ‘inimigo’	kônhêd’
9. ‘irmã’	kwônsí-aklára
10. ‘irmão’	kwônsi, kwônsü
11. ‘mãe’	mãindâ
12. ‘pai’	mãindâ
13. ‘mulher’	kradára

B. Animais:

14. ‘abelha’	kupã
15. ‘animal’	dáu
16. ‘anta’	rê
17. ‘arara’	xanã
18. ‘boi’	rin-rô
19. ‘cão’	txakê
20. ‘cavalo’	kawarú
21. ‘cobra’	ékü
22. ‘chato’	bis (?)
23. ‘curimatá’	uân-korô-iê
24. ‘galo’	xakiká
25. ‘galinha’	xakiká
26. ‘gato do mato’	kui(n)uã, kuin-wãn
27. ‘jacaré’	uéiê
28. ‘jararaca’	k(u)rái
29. ‘lagarto’	uádái
30. ‘macaco’	kãn
31. ‘macaco barbado’	rhikê, hhikê
32. ‘macaquinho’	kôn(g)-xi, konkxi
33. ‘mono’	ai
34. ‘onça’	txakêiê
35. ‘paca’	káfi
36. ‘piauí’	kaxki
37. ‘porco’	kuiá
38. ‘peixe’	manhâ’me
39. ‘traíra’	húin

C. Partes do corpo:

40. ‘ânus’	kô, kó
41. ‘barba’	rôkê
42. ‘boca’	dikôbá
43. ‘braço’	kixká
44. ‘cabeça’	kohái
45. ‘cabelo’	rokê
46. ‘cara’	kutxákô
47. ‘carne’	tôpá, rinh-ró
48. ‘carne de animal’	rinhr-rô dau
49. ‘coração’	ruçuá
50. ‘costas’	hhkim-mé

51. 'couro'	krakata
52. 'dente'	txó
52.1 'dentes'	txô-iê
52.2 'dente grande'	txô-kas
53. 'espinha'	mahâmm
54. 'focinho'	dikô
55. 'garganta'	ngrín
56. 'joelho'	rin, jmuékó
56. 'lábio'	nênk
57. 'língua'	nântxô-nénkix, xmôéko
58. 'mão'	kíxk, uwadêra
58.1 'mão grande'	uwadêra daká
58.2 'mão pequena'	uwadêra krétxiodã
59. 'nariz'	Dükô, kó
60. 'olhos'	kôdôh
61. 'orelha'	kôka
62. 'ossos'	hhônhá
63. 'pé'	uadê
64. 'peito de homem'	kráka
64.1 'peito de mulher'	kráka-iê
65. 'pele'	nhânçâ
66. 'sangue'	sân
67. 'unha'	txôkás, txô
68. 'ventre'	kombá

D. Natureza:

69. 'água'	sã
70. 'areia'	kâmikô
71. 'árvore'	kàxki
72. 'buraco'	kobéni
73. 'calor'	hin-háu
74. 'caminho'	mãnkhô
75. 'capim'	hamanín
76. 'cacete, pau'	kân(g)-nhá
77. 'carvão'	txaká
78. 'chovendo'	nân-xi-açöü
79. 'chuva'	sân-kôré
80. 'cipó'	kaxkí
81. 'deus'	kitxáura
82. 'dia'	yóçö, iôçö
83. 'espinho'	ekáfe
84. 'estrela'	tuédã, tuédã
85. 'fogo'	txaköü', txaköü

86. 'frio'	kitxiãnkü'
87. 'lenha, pau'	kax
88. 'lama, barro'	hamikó, hâmikô
89. 'lua'	tuê
90. 'mato'	hamanín
91. 'mel'	kupã
92. 'noite'	hamaní
93. 'nuvem'	sã-iáni
94. 'rio'	hináã
95. 'sol'	yôçö'
96. 'terra'	hâmikó
97. 'trovão'	kôré

E. Vegetais:

98. 'abóbora'	kópá
99. 'aipim'	hunkín
100. 'arroz'	kaixãn
101. 'banana'	dakó
102. 'batata'	hunkin
103. 'feijão'	óitá
104. 'fruta'	dakô
105. 'erva'	hamaní
106. 'milho'	xankrára

F. Cultura:

107. 'aguardente'	éxkáki
108. 'agulha'	k(i)txákrê-psidã
109. 'anzol'	k(i)txákrê psüdãn
110. 'arco'	wãn, uãn
111. 'balsa'	kanáka-iê
112. 'bolsa, cesta'	nanká
113. 'cabaça, cuia'	nánká
114. 'cama'	há-nún
115. 'caneca'	nanká
116. 'canoa'	kanáka
117. 'casa'	södá
118. 'coberta, cobertura'	tixkêkãn
119. 'doce'	xká
120. 'espingarda'	k(i)txákrê
121. 'facão'	kitxákrê

122. 'ferro (qualquer cortante)'	k(i)txakrê
123. 'flecha'	wãn

G. Qualidades:

124. 'alto'	iúmai-iê, k(i)nhá
125. 'baixo, curto'	krêitxôdã
126. 'bom, bonito'	xôhôdã
127. 'cansado'	xökô
128. 'chato' (?)	bis
129. 'cheio'	iê, yê
130. 'cheiroso'	haú
131. 'claro'	hintí, hintxí (?)
132. 'comprido'	hin-rôô-dãn
133. 'contente'	xô-o-dãn
134. 'doente'	hamikãnh
135. 'feio'	xuhié
136. 'fraco'	psidãn
137. 'gordo'	dôra
138. 'grande'	iê
139. 'ligeiro'	hinhádni
140. 'limpo'	hintxdã
141. 'magro'	dáka
142. 'manso'	k(u)rê
143. 'pequeno'	kráitxôdã, krétxodã
144. 'preto, escuro'	kuadá
145. 'ruim'	xpí, x(u)
146. 'velho'	extá, extàiê
147. 'vermelho'	koro

H. ações e processos:

148. 'acender'	txákã
149. 'andar'	hãmã, ãmã
150. 'arder (pimenta etc)'	kuadê, kwadê
151. 'assobiar'	koré
152. 'atirar'	dáu
153. 'bater'	handê
154. 'beber'	hingrin
155. 'cair'	kitxêi
156. 'caminhar'	kamã
157. 'casar'	iumá-iê

158. 'chorar'	Kôn-iêdni
159. 'comer'	hingrín
160. 'conversar'	h(a)kimé-háu
161. 'correr'	hiani
162. 'dar'	min
163. 'dormir, deitar-se'	hôngó, hôngón
164. 'escutar'	k(u)rê, kurê
165. 'espere'	kwé ki
166. 'feder'	haçús
167. 'fumar'	kô
168. 'gritar'	kôrê
169. 'guerrear'	kakái
170. 'lavar'	sanguá
171. 'matar, morto'	dáu
172. 'mergulhar'	hinmã
173. 'morder'	nuntxô
174. 'queimar'	iáni

I. expressões de circunstâncias:

175. 'acima, em cima'	êu-a
176. 'adiante, em frente'	du(n)-a
177. 'agora, já'	k(u)rê
178. 'ali, lá'	mãn
179. 'aqui'	kuékí, húni
180. 'longe'	dún-ha

J. Referentes:

181. 'aquele'	kuê
182. 'meu, minha, de mim'	mã (pospositivo): rôkê mã = cabelo de mim, ou cabelo (é) meu. Como prepositivo parece que é ni, ne-, etc. como se pode verificar em partes do corpo, como nên-kixk, "minha mão"; nãn-txô, "meu dente"; n-ênk ou ne ênk, "meu lábio"; ni-dikôbá, "minha boca"; nü-dükô, "meu nariz", ni-kóka, "minha orelha".
183. 'teu, tua'	xô, x(i)ú, sô (pospositivos): rôkê xô = "cabelo teu ou "o cabelo é teu".

K. Quantificadores:

184. 'mais'	nanxüaçü'
185. 'muito'	iê, yê

L. Frases:

186. 'esqueci, fulano!'	ehkimé háu
187. 'ir, vá'	mãn
188. 'ir buscar'	mã
189. 'isto é meu'	kué-ki
190. 'venha!'	hi ni, hini
191. 'O sangue é vermelho'	sãn koro-yê
192. 'vá buscar água'	mãn sã

M. Outras palavras:

193. 'banho'	sãngwá
194. 'brasa acesa'	txaká'
195. 'excremento'	héxpí
196. 'mentira'	kônhêd ni